

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE BIBLIOTECNOMIA

FERNANDA GOMES DE OLIVEIRA

BIBLIOTERAPIA:
analisando sua eficácia sob aspectos filosóficos, sociais, psicognitivos e
biblioteconômicos

Rio de Janeiro
2014

FERNANDA GOMES DE OLIVEIRA

BIBLIOTERAPIA:
analisando sua eficácia sob aspectos filosóficos, sociais, psicognitivos e
biblioteconômicos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Biblioteconomia, pela Escola da
Biblioteconomia, da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof^a Dr^a Lidiane Carvalho

Rio de Janeiro
2014

O48

Oliveira, Fernanda Gomes de, 1990-

Biblioterapia: analisando sua eficácia sob os aspectos filosóficos, sociais, psicognitivos e biblioteconômicos / Fernanda Gomes de Oliveira. – Rio de Janeiro, 2014

60 f. : il.

Orientadora: Lidiane dos Santos Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Curso de Biblioteconomia, 2014

1. Biblioterapia. 2. Eficácia. 3. Biblioteconomia. I. Título

FERNANDA GOMES DE OLIVEIRA

BIBLIOTERAPIA: analisando sua eficácia sob aspectos filosóficos, sociais, psicognitivos e biblioteconômicos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Escola da Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dr. Lidiane dos Santos Carvalho
Universidade Federal do Estados do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profª Dr. Geni Chaves Fernandes
Universidade Federal do Estados do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profº Dr. Clóvis Ricardo Montenegro de Lima
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT

Dedico este
trabalho primeiramente aos meus pais, pois sem eles nada disso estaria sendo possível e
aos meus irmãos que sempre me serviram de exemplo na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre me orientou, apontando os melhores caminhos e sempre me deu fé, pois sem ela essa conquista teria sido muito mais difícil;

A fraternidade a qual faço parte, que sempre me motivaram e deram força a levar adiante o tema escolhido, para além de um trabalho de conclusão de curso, mas como uma missão na vida;

Agradeço imensamente aos meus pais, pois sem eles nada disso estaria sendo possível, sempre estiveram ao meu lado incentivando e brigando para que essa conquista se realizasse exatamente desta forma, feliz e realizadora. Vocês são meus maiores exemplos de vida e espero poder alegrar vocês com essa etapa sendo concluída;

Aos meus irmãos, que sempre me serviram de exemplo e, na medida do possível, se colocaram a disposição para me ajudar num tema que foge às suas áreas de conhecimento;

As minhas colegas de turma Juliana Bride e Júlia Rocha que são pessoas especiais, sempre se colocando a disposição para ajudar, seja na área acadêmica, seja na vida pessoal, fazendo com que cada desistência tornasse ainda mais forte a vontade de conquista;

A minha orientadora Lidiane Carvalho, que acreditou na minha proposta e embarcou comigo nessas ideias aparentemente distantes da nossa área acadêmica, sempre me auxiliando e orientando;

A todos os professores que contribuíram efetivamente com a minha formação;

Finalmente a Andréa Barreiro, minha terapeuta e amiga, e Annanda Baptista, minha ex-supervisora e pessoa especial, por terem acreditado em mim e me incentivado desde a primeira ideia sobre o tema.

Ao quebrar o silêncio, a linguagem realiza o que o silêncio pretendia e não conseguiu obter (MAURICIE MERLEAU-PONTY).

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma reflexão crítica sobre a eficácia da Biblioterapia, tanto sob o ponto de vista biblioteconômico como do ponto de vista da área da saúde. A reflexão se deu a partir da perspectiva das características intrínsecas da Biblioterapia, evidenciando seus aspectos cognitivos, sociais e interdisciplinares sob o enfoque filosófico, psicognitivo, social e biblioteconômico. Ponderou-se a biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário, analisando quais seriam as competências necessárias para tal atividade, uma vez que a prática foi comumente desenvolvida e apropriada pelo campo da biblioteconomia. Para realização do estudo, utilizou-se o método de revisão sistemática, análise documental dos artigos e teses disponíveis nas bases de dados que são referências para área e apoio nas obras de Clarice Fortkamp Caldin e Marc-Alain Ouaknin, autores responsáveis por tudo que é produzido no Brasil sobre o tema. A análise dos resultados obtidos através da revisão sistemática se deu a partir da abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Biblioterapia, Leitura terapêutica, Mudança cognitiva, Campo de atuação, Bibliotecário.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a critical reflection on the effectiveness of bibliotherapy, both from the point of the library science view and from the point of view of health. The reflection was made from the perspective of the intrinsic characteristics of bibliotherapy, showing their cognitive, social and interdisciplinary in the philosophical approach, psycho cognitive, social and of librarian science. It pondered bibliotherapy as playing field for the librarian, analyzing what are the skills required for such activity, since the practice was commonly developed and appropriate the field of librarianship. For the study, we used the systematic review method, document analysis of articles and theses available in databases that are references to the area and support the works of Clarice Fortkamp Caldin and Marc - Alain Ouaknin, authors responsible for everything that is produced in Brazil on the subject. The results from the systematic review was made from the phenomenological approach of Merleau -Ponty.

Keywords: Bibliotherapy, reading therapy, cognitive change, Application Field, Librarian.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.2	OBJETIVOS GERAIS	11
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.4	QUESTÃO DA PESQUISA	11
2	JUSTIFICATIVA	12
3	MARCO TEÓRICO	13
3.1	BIBLIOTERAPIA	13
3.1.0	BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO FILOSÓFICO	19
3.1.1	BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO PSICOGNITIVO	22
3.1.2	BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO SOCIAL	28
3.1.3	BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO BIBLIOTECONÔMICO	31
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
4.1	REVISÃO SISTEMÁTICA	38
4.1.0	O PROCEDIMENTO DE REVISÃO SISTEMÁTICA EMPREGADO NA PESQUISA	40
5	RESULTADOS	43
5.1	ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS RESULTADOS	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56
	ANEXO A	61

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa pretende investigar a eficácia da leitura como função terapêutica - a Biblioterapia. O leitor, a significação como continuação e retomada do texto permitem que se pensem na terapia por meio dos livros. Esta terapia surgiu do uso da leitura para auxiliar pessoas a melhorar a qualidade de vida do indivíduo, sendo responsável por fazê-las enfrentarem seus medos, anseios, problemas, situações difíceis e problemas, especificamente de saúde, evidenciando não ser somente o ato de ler que possibilita essa cura, como também a interpretação de informações importantes e o seu uso com o propósito modificador e transformador.

O trabalho pretende também apresentar uma reflexão crítica sobre a biblioterapia a partir de suas características intrínsecas, destacando seus aspectos cognitivos, sociais e interdisciplinares através de uma análise sob o ponto de vista filosófico, social, psicognitivo e biblioteconômico.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, optou-se pela revisão sistemática, tendo como corpos do trabalho a base de dados Pubmed, devido sua relevância acadêmica na área da saúde.

Para analisar a leitura como função terapêutica, torna-se necessário também uma investigação sobre a linguagem, uma vez que somente por meio desta pode-se descrever, sistematizar e comunicar os significados dos fenômenos, pois de acordo com os autores utilizados, tudo começa na e pela linguagem.

Já a leitura é apresentada como um fenômeno corporal, temporal, descentrado, intersubjetivo e transcendental, visto como um ato de comunicação que ultrapassa o corpo do ator e atinge o corpo do leitor ou do ouvinte.

A biblioterapia preocupa-se em controlar a atividade dos leitores de forma a favorecer o surgimento das emoções e a produção ficcional a partir dessas emoções. Desta forma, este de fato, é todo o escopo da biblioterapia: que a leitura, narração ou dramatização de um texto literário gera um efeito terapêutico ao medir as emoções, permitindo uma liberdade à imaginação e automaticamente gerar uma reflexão – seja pela catarse, identificação ou introspecção - ou seja, componentes biblioterapêuticos que também são tópicos abordados nesta pesquisa.

Faz parte da pesquisa também, investigar o papel dos profissionais envolvidos e suas respectivas interações, dentre eles, destacando a atuação do bibliotecário apresentando suas respectivas aptidões profissionais necessárias.

Por fim o trabalho apresenta seus resultados a partir de uma abordagem fenomenológica, a qual permite o estudo das essências, a descrição das vivências e a interpretação de mundo.

1.2 OBJETIVOS GERAIS

Investigar e discutir os usos e apropriações da biblioterapia no campo das ciências da saúde pelo estudo da literatura publicada.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar, pela literatura especializada, as características intrínsecas, aspectos cognitivos, sociais e interdisciplinares da Biblioterapia;
- ✓ Avaliar a Biblioterapia sob seus aspectos filosóficos, sociais, psicognitivo e biblioteconômicos,
- ✓ Verificar como a literatura publicada menciona a atuação do bibliotecário na prática da biblioterapia.
- ✓ Fundamentar a eficácia da biblioterapia sobre os pontos de vista da área da saúde e utilizar o método fenomenológico para avaliação final da pesquisa;

1.4 QUESTÃO DA PESQUISA

Qual a eficácia do uso da Biblioterapia no campo da saúde?

2 JUSTIFICATIVA

Pretende-se nesse tópico, justificar este projeto acadêmico destacando a relevância e o porquê tal pesquisa deve ser realizada.

Sob a ótica da área da saúde, fundamenta-se essa pesquisa na concepção das racionalidades médicas, procurando assim viabilizar a ampliação do olhar terapêutico para outras dimensões presentes no adoecimento, justamente com a inclusão da subjetividade na prática clínica, a qual permite uma olhar mais voltado para o Sujeito em si. O resgate desta subjetividade é que pode ser visto como um caminho para a integralidade do cuidado em saúde.

Do ponto de vista biblioteconômico, a ideia de que “o Bibliotecário precisa disseminar o saber; precisa amar os livros, independentemente do seu suporte, mas principalmente precisa amar igualmente o ser humano, independentemente de sua origem ou condição”, leva a indagar como o fazer biblioterápico se constitui pelo estudo das suas transversalidades.

Dentro desta perspectiva, torna-se possível observar que uma das atividades inerentes, a atividade do profissional bibliotecário, que atua em contextos que requerem relações comunicativas que sejam capazes de possibilitar a melhora da expressão humana, ou seja, exatamente onde se encaixa e do que se apropria a atividade Biblioterápica.

Sob o ponto de vista acadêmico, justifica-se essa pesquisa partindo do ponto de vista que a mesma pode contribuir para atualizar o discurso para o campo biblioteconômico, sobre a implicação da biblioterapia como método terapêutico pelo estudo das bases teóricas presentes na área da saúde.

Cabe destacar que a biblioterapia na Biblioteconomia tem um papel fundamental e social para com as pessoas que desenvolvem algum distúrbio seja ele emocional ou psíquico, vê-se a função social e terapêutica da leitura como ferramenta necessária para tal papel e o bibliotecário como agente dessa ação. Dentro desta realidade, tornou-se possível perceber que a biblioterapia requer ser vista de forma efetiva dentro do campo da biblioteconomia e o bibliotecário requer ser visto como

agente de socialização, tendo um perfil social para atender as necessidades de seus usuários, juntamente com outros profissionais de outros campos do saber.

3 MARCO TEÓRICO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a definição dos termos identificados na literatura relacionados com a questão da pesquisa e os objetivos geral e específico do estudo a fim de fundamentar e dar consistência a todo estudo sustentando a pesquisa.

3.1 BIBLIOTERAPIA

Diante dos mais diversificados tipos de serviço da informação, esse trabalho pretende fazer a investigação de um serviço em especial: a biblioterapia.

Segundo a obra de referência, traduzida por Nicolás Niymi Campanário, de Marc-Alain Ouaknin (1996), não é preciso procurar essa palavra em nenhum dicionário de língua portuguesa, pois não seria possível encontrá-la, portanto nos dias atuais essa palavra não é mais tão desconhecida assim. Acrescenta ainda que apesar da sua definição parecer simples, esse conceito implicaria num conjunto de questões complexas, como: O que é um livro? O que é leitura? O que é uma doença e que sentido dar a palavra “terapia”? Somente a “cura”?

A palavra “biblioterapia” é composta por dois termos de origem grega, “livro” e “terapia”. Dessa forma tem-se por significado “terapia por meio dos livros”, ou seja, seria uma terapia que se utiliza dos livros como ferramenta para tratamento nas mais diferentes áreas do conhecimento, sendo suas práticas biblioterapêuticas praticadas por linguistas, historiadores, psicólogos, educadores, bibliotecários e médicos, ou seja, sua aplicação pode ser feita em diversos locais como: hospitais, prisões, asilos, orfanatos, escolas [...] locais que lidam com o tratamento de problemas psicológicos em crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados.

A biblioterapia é uma das vertentes da oralidade ou do ato de ler, de uma forma geral pode ser compreendida como uma prática que utiliza textos com intuito de ajudar pessoas com problemas físicos ou mentais a encontrarem soluções no prazer da leitura. Conforme citado acima por se tratar de uma área multidisciplinar esse serviço pode ser disponibilizado por diversas áreas do conhecimento, inclusive na Biblioteconomia. Por essa razão tornou-se necessário uma pesquisa sobre, a fim de tornar evidente a relevância desse tema para a área em questão.

Pensando de forma mais abrangente sobre sua etimologia, Biblio é a raiz de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e terapia significa cura ou reestabelecimento. Deste modo, a biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E inclui todo tipo de material, inclusive os não convencionais (FERREIRA, 2003, p. 36).

É importante destacar que no mundo anglo-saxônico, apesar de não ser muito antiga, a palavra “biblioterapia” não era uma novidade, já que encontraram no *Webster International* (ED. 1961) com a seguinte definição: “*The use of selected Reading materials as therapeutic adjuvants in medicine and psychiatry. Also: guidance in the solution of personal problems through directed Reading*”. (“A biblioterapia é o uso de materiais de leitura selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria. Também: auxílio na solução de problemas por meio de leitura dirigida.”) (OUAKNIN, 1996, p. 12). Sendo esta a definição adotada como oficial até os dias de hoje pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o uso da leitura com objetivo terapêutico não faz parte de uma inovação, ao contrário, muitos registros atestam essa utilização na antiguidade.

Ferreira (2003) em seu artigo “*Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal*” reuniu de forma concisa todo percurso dessa prática da Biblioterapia, desde a antiguidade até os dias atuais, seria preciso citá-lo por inteiro, uma vez que cada frase nos faz compreender melhor toda essa trajetória na história. Porém, teremos somente um grande apanhado de ideias, as quais Ferreira expõe todos os acontecimentos referentes à essa modalidade de leitura e terapia

Ferreira inicia a trajetória da biblioterapia no antigo Egito, onde ele cita que o Faraó Ramssés II colocou na fachada de sua biblioteca “Remédios para a alma”, caracterizando o sentido de cura nos livros que ali estavam sob sua guarda. As bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados “casas de vida”, como locais de conhecimento e espiritualidade, já para os romanos, Aulus Cornelius Celsus também associou a leitura com tratamento médico, ao recomendar a leitura e discussão das obras de grandes oradores como recurso terapêutico no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes (ORSINI, 1982). “Tesouro dos remédios da alma” era a inscrição que havia na biblioteca da Abadia de São Gall,

durante a Idade Média (ALVES, 1982 apud FERREIRA, 2003). Os gregos também fizeram associação de livros como forma de tratamento médico e espiritual ao conceberem suas bibliotecas como “a medicina da alma”. O Hospital Al Mansur, em 1272, recomendava a leitura de trechos escolhidos do Alcorão como parte do tratamento médico (MARCINKO, 1989 apud FERREIRA, 2003).

De acordo com os dados acima, é notório perceber que muitos indivíduos, mesmo em épocas diferentes, já haviam percebido o valor da leitura como um agente de transformação. A dedicação de alguns religiosos possibilitou o ressurgimento do uso terapêutico da leitura em hospitais para doentes mentais no século XIX.

Em 1802, Benjamin Rusch foi o primeiro pesquisador norte-americano a recomendar a leitura para doentes de um modo geral, e em 1810 também recomendou a Biblioterapia como forma de apoio à psicoterapia para pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, e também para idosos (ALVES, 1982 apud FERREIRA, 2003). A partir da década de 30, a biblioterapia se firmou definitivamente como um campo de pesquisa, destacando-se as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, principalmente esta última, que insistiu para que a Biblioterapia fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte (ORSINI, 1982).

Em 1942, a pesquisadora Ilse Bry, formada em Psicologia, Filosofia e Biblioteconomia, publicou seu trabalho “Aspectos Médicos da Literatura: um esboço bibliográfico”, abordando quatro aspectos diferentes: aplicação médica da literatura, a medicina na literatura, análises médicas da literatura e estudos das respostas à literatura (ORSINI, 1982).

Citado por Ferreira, Sofie Lazarsfeld publicou em 1949 um artigo intitulado “O uso da ficção na psicoterapia”, em que eram descritas as reações dos pacientes diante do texto e entre as linhas dos livros indicados, chegando a muitas conclusões; o que merece destaque neste trabalho é que ele serviu para que a autora iniciasse um processo de autoconhecimento (ORSINI, 1982), ressaltando dessa forma a necessidade de uma profunda autoanálise para qualquer pessoa que pretenda trabalhar com Biblioterapia.

Ainda em 1949 surge o primeiro Ph.D. em Biblioterapia, com Caroline Shrodes defendendo sua tese de dissertação “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental”, lançando as bases da Biblioterapia atual. Em 1951, surgiria o

segundo Ph.D., Esther A. Hartman, da Universidade de Stanford, com a tese “A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia”. Em 1975, Mary Jane Ryan afirma, em um artigo de periódico, que a Biblioterapia era uma arte, e não uma ciência. No Final da década de 50, em um outro artigo, Richard Darling coloca a idéia de que a Biblioterapia também poderia ser usada com fins preventivos.

Segundo a obra de Ouaknin (1996), a Biblioterapia foi definida pela primeira vez no Dorland’s Illustrated Medical Dictionary, em edição de 1941, como o emprego de livros, através de literatura dirigida, no tratamento de doentes mentais (RATTON, 1975). Ruth Tews definiu Biblioterapia como um programa de atividades selecionadas que envolve materiais de leitura planejados, utilizado de forma conduzida e controlada para tratamento de problemas emocionais sob orientação médica (ALVES, 1982 apud FERREIRA, 2003). Esta definição complementa a visão de Arleen McCarty Hynes, de que a Biblioterapia é uma técnica para promover a integração bem sucedida de valores e ações da pessoa que está se submetendo ao processo psicoterápico (nem todas as formas de Biblioterapia utilizam técnicas psicoterápicas), podendo assim ser utilizadas para o desenvolvimento pessoal (HYNES, 1987 apud FERREIRA, 2003).

Indo mais além pode se conceituar e definir a Biblioterapia como um processo terapêutico baseado na literatura (a leitura é vista no seu conceito mais amplo, e não apenas como literatura de sinais gráficos impressos), mas que utiliza materiais diversos e selecionados (materiais bibliográficos impressos ou de criação própria, além de outros meios fornecidos pela mídia eletrônica) com o objetivo de provocar o insight e a catarse através de discussões e reuniões orientadas de um grupo constituído de forma homogênea.

Ferreira conclui então, que a Biblioterapia se constitui então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Complementando Ferreira (2003), de acordo com o Dicionário de Biblioteconomia e a Arquivologia, dito de outra forma o termo Biblioterapia tem como definição a utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais.

Atualmente a Biblioterapia é um campo de produção científica e de atuação profissional que envolve diversos profissionais como médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes. Devido essa aplicação variada, possui também diversas definições, cujos processos são analisados pelo ponto de vista de diversos autores.

De acordo com Ouaknin (1996), a Biblioterapia é antes de tudo, uma filosofia existencial, sendo também uma filosofia sobre a leitura, segundo a qual o homem constrói uma relação com o livro.

Segundo Caldin (2001), é a leitura que possibilita o homem compreender o texto e se compreender, pois na interpretação o leitor passa a fazer parte do texto. Dentro desse ponto de vista define-se interpretação como a união da explicação objetiva do texto e de uma compreensão subjetiva. A Biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura com a interpretação dos textos.

Guedes e Baptista (2013) afirmam que:

Indivíduos podem buscar a prática da leitura por razões distintas, como por exemplo, entretenimento, aprendizado, pesquisa, entre outros. No caso da leitura terapêutica, o objetivo é modificar o estado de consciência do indivíduo, mudando sua percepção sobre situações diversas. A leitura terapêutica proporciona uma relação mais profunda com o texto, pois é uma atividade interativa baseada no diálogo. (GREDES ; BAPTISTA 2013)

Dentro deste ponto de vista, Ouaknin (1996) afirma que é o diálogo o fundamento da Biblioterapia, pois as etapas de entendimento do texto incluem a interpretação em grupos com troca de informações, além de proporcionar a garantia de que o indivíduo não está sozinho.

Segundo Alice Bryan (apud CALDIN, 2001), de uma forma bem ampla e detalhada define biblioterapia como a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental. Inclui na biblioterapia; romances, poesias, peças, filosofia, ética, religião, arte, história e livros científicos. Apresenta como objetivos: permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação. Sua teoria é de que os indivíduos são personalidades integradas e,

portanto, a criança deve ser vista como um todo e educada emocional e intelectualmente. Vê a literatura ficcional como um meio de afetar o ajustamento total do indivíduo. Recomenda a cooperação entre bibliotecários e psicólogos, pois entende a biblioterapia como um dos serviços da biblioteca.

Segundo Marcinko (1989), a aplicação da Biblioterapia tem diferentes objetivos, entre estes: desenvolvimento pessoal ou processo clínico de cura. Dentro desta perspectiva e sob o olhar da medicina curativa o trabalho da Biblioterapia não se restringe a um tipo único de tratamento; sua aplicação é de caráter tanto preventivo quanto corretivo, podendo ser então classificada em três tipos: institucional, clínica e de desenvolvimento.

É evidente que seu processo é tão variado quanto suas definições, considerando os pontos de vista de outros autores, porém de acordo com o olhar de Guedes e Baptista (2013) é importante perceber que apesar de variados, os princípios da Biblioterapia convergem para a mesma ideia de auxiliar indivíduos e proporcionar melhoria na qualidade de vida. Outro ponto convergente é o uso do diálogo na aplicação, pois é o que permite ao indivíduo perceber interpretações de sua situação.

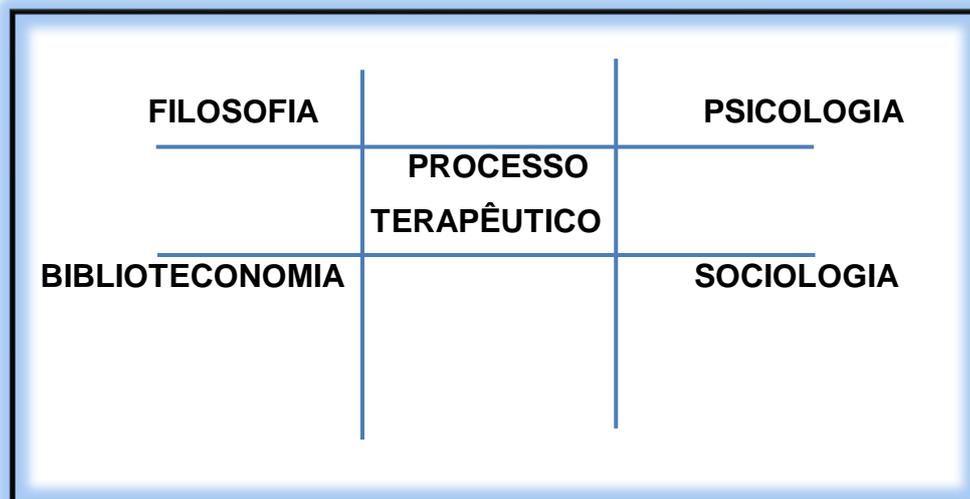
De acordo com tudo o que foi estudado, ficou evidente que a Biblioterapia constitui-se em uma atividade interdisciplinar. Dentro dessa interdisciplinaridade confere-lhe um lugar em destaque no cenário dos estudos culturais. Pode ser dito que é um lugar estratégico que permite buscar aliados em vários campos do conhecimento e, por essa razão, a pesquisa pretende esclarecer e abrir essa definição a partir de horizontes linguísticos e culturais diferentes e variados. Sob esta ótica, a Biblioterapia pode ser avaliada a partir de seu campo de ação e sua finalidade conforme figura abaixo:

Figura 1: Campo de ação da Biblioterapia

CAMPO DE AÇÃO	CLIENTE/ FINALIDADE
CORRECCIONAL	Visar a recuperação de jovens delinquentes, adultos criminosos com desajuste social e/ou emocional.
EDUCAÇÃO	Atuar nas crises de adolescentes e crianças com problemas especiais: morte em família; separação dos pais; crianças afastadas de seus lares; vítimas de incesto, de estupro.
MEDICINA	Tratar pessoas com problemas emocionais ou comportamentais.
PSIQUIATRIA	Auxiliar pacientes com algum tipo de distúrbio psíquico, dependentes químicos.
IDOSOS	Diminuir a ansiedade e para ajudá-los a aceitar a nova condição de vida.

Fonte: Adaptado de Seitz, 2000, p. 17

A fim de facilitar a visão desse panorama, segue abaixo o quadrante destacando onde o processo terapêutico se encontra frente às outras áreas do saber e posteriormente analisando detalhadamente todos seus aspectos. Pode-se visualizar da seguinte forma:

Figura 2: Quadrante referente ao processo terapêutico

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

3.1.0 BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO FILOSÓFICO

É necessário compreender de antemão que a essência da biblioterapia é primariamente vista como uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, onde este

não consistirá em apenas uma descrição de leitura, mas principalmente na interpretação da mesma. Segundo Caldin (2010) um decifrar do sentido aparente, um desdobrar de significação, um desvendar da essência do ato de ler com possibilidades terapêuticas. Com outras palavras, por meio de uma abordagem fenomenológica, busca-se um entendimento sobre o ato de leitura na sua essência, compreendendo o que é pertinente, significativo e relevante sobre o fenômeno da leitura em si.

Dentro deste ponto de vista, entende-se que para compreender a natureza da leitura é necessário mergulhar no universo da linguagem, pois somente por meio desta pode-se descrever, sistematizar e comunicar os significados dos fenômenos, pois tudo começa na e pela linguagem.

Foi através da fenomenologia do filósofo Husserl que se admitiu a linguagem como uma operação pela qual os pensamentos adquirissem valor intersubjetivo. Posteriormente, Merleau-Ponty surgiu no cenário filosófico com teoria da linguagem, mais especificamente da fala falante, que se credita à leitura possibilidades terapêutica.

Assim como todo filósofo, Merleau-Ponty refletia sobre os escritos de outros filósofos, nesse caso estudou sobre a fenomenologia de Edmund Husserl, que via a linguagem como objeto de pensamento, e, mais tarde como corpo do pensamento, ou seja, se Husserl admitia a primazia da consciência, Merleau-Ponty concedeu prioridade ao corpo: a palavra utiliza o corpo como meio de expressão, o corpo é a própria consciência encarnada, o corpo e a significação sempre estão presentes na expressão e no texto; de uma forma dinâmica, agem no sujeito, quer seja ele escritor ou leitor.

De acordo com a obra "*Biblioterapia : um cuidado com o ser*" de Caldin (2010), Merleau-Ponty parte do pressuposto de que a fala é um desdobramento do corpo e o corpo é um desdobramento do mundo, defendendo a interação entre o sentir e o entender, nutrindo a preocupação de atrelar percepção e consciência. Desenvolveu a "filosofia do corpo", pois segundo o filósofo, por meio do corpo que se estabelece a existência humana no mundo – o corpo se movimento entre as coisas tendo uma relação não apenas mecânica, mas também imaginária com o mundo, pois para ele há uma sincronia existente entre a consciência e o corpo, e é essa visão holística que caracteriza a existência humana.

Caldin (2010) considera que o grande mérito de Merleau-Ponty se estabeleceu pelo fato de que sua teoria da expressão ter admitido duas linguagens: a falada e a falante. Segundo ele, a fala falada é a que o leitor traz consigo, o conjunto de escritos da língua, a fala falante, por outro lado, é uma recriação, é a passagem dos signos ao significado do momento de leitura.

Dentro desta perspectiva a autora conclui que é exatamente desta fala falante, produtora de significados, que se ocupa a Biblioterapia, pois a terapia por meio de livros somente acontece quando se pode inferir novos sentidos ao lido.

Não menos importante que a fenomenologia de Merleau-Ponty, já aos cuidados da fenomenologia de Marc-Alain Ouaknin (1996), escritor da obra “Biblioterapia”, obra de referência do tema em questão, é realizada com a fenomenologia de Paul Ricoer. Ambos apontam a biblioterapia como um processo que volta o ato de leitura para a expansão imaginativa, porém diferentemente de Merleau-Ponty, Ricoer foca sua teoria sob a ideia de temporalidade, segundo ele “o tempo só se torna humano na medida em que está articulado de maneira narrativa” e por outro lado “a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal” (RICOEUR, 2001 apud MOSTAFA et al, 2013).

Não faz parte do pensamento filosófico de Ricoeur, discutir ou comparar esse pensamento fenomenológico de outros filósofos, como Kant, Husserl e Merleau, mas apontar que nenhuma delas preenche o espaço vazio entre o tempo cosmológico e o tempo da percepção que só pode ser preenchido com a elaboração narrativa.

Pois bem, neste ponto de vista narrativo, Paul Ricoeur desenvolveu o conceito de “Identidade Narrativa”, onde se entende que o ser sempre está em construção da identidade pessoal, nesta percepção define-se identidade narrativa não como uma identidade pré-definida ou estática, mas um processo constante e inclusivo de identificação que se encontra num tempo e espaço.

Ouaknin (1996) diz que “o tempo, ou – um termo filosófico, que faz sentir melhor o processo dinâmico do desenrolar do tempo – a temporalidade, é o núcleo da biblioterapia”. Essa é uma hipótese básica de toda a reflexão biblioterapêutica, hipótese que foi formulada, comentada e desenvolvida na obra de Paul Ricoer.

Partindo desta hipótese, entende-se a narrativa como a existência em sua temporalidade harmônica e equilibrada entre os três tempos: passado, presente e futuro. Quanto mais se avança na narração, mais se mergulha na memória do

passado. É nesse mergulhar no passado que se constitui o processo da cura da Biblioterapia, onde visitando aquilo que causou a enfermidade seja física ou mental, que causou um trauma em algum momento do tempo, se consiga transfigurar essa sensação gerando a “cura” do indivíduo.

Para a biblioterapia, o indivíduo é um ser em um processo contínuo, em incessante movimento de tornar-se. Esse tornar-se, conforme citado acima, passa por uma transfiguração, a cada vez nova, de si e do mundo.

Uma das teses centrais da Biblioterapia é essa transfiguração – que é ao mesmo tempo, uma temporalização – que encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade de leitura. Essa leitura chamada de criadora, por Ouaknin (1996), abre novos pensamentos, novos atos e novos mundos, onde um ponto importante é a renovação do sujeito leitor.

Toda essa reflexão da temporalidade serve de embasamento teórico para a questão da identidade do ser, fator importante no processo terapêutico biblioterápico. Essa ideia de identidade será tratada de forma mais específica no tópico 3.1.2 que aborda a Biblioterapia sob o aspecto social.

3.1.1 BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO PSICOGNITIVO

Um dos aspectos mais significativos da Biblioterapia encontra-se norteado pela diretriz da psicologia. Nesta realidade será observada a relação existente entre as doenças e as emoções sob o ponto de vista curativo da Biblioterapia.

Segundo o ponto de vista de Caldin (2010, p.19) compreende-se que as emoções intensas, resultam além de falhas no sistema imunológico sofrimento real, o qual mesmo sem causas orgânicas pré-estabelecidas, merecem cuidado. Acrescenta-se ainda a observação que não se pode dizer que toda doença tem origem nos sentimentos, mas sim de verificar como minimizar tais sintomas e efeitos nocivos dos problemas psicofísicos, através da leitura, pois o desequilíbrio entre o corpo e a mente quebra toda a harmonia necessária para que o ser esteja em total bem-estar.

Ouaknin (1996, p.61) argumenta que sobre este aspecto “a doença se define como um fechamento, uma atitude bloqueada e definitiva.”. Explica também que a doença – física e psíquica, as duas estando intimamente ligadas – são resultados de um obstáculo frente à circulação da energia vital ao ser, ou seja, um ser doente é um

ser bloqueado, obstruído, acorrentado e a cura consiste exatamente em desenlaçar os nós que bloqueiam esta circulação essencial a saúde real do ser humano.

Utilizando a Biblioterapia como ferramenta para este cenário, define-se que a mesma consiste em evidenciar os nós que criam obstáculos neste fluxo de energia e desatá-los, o que será feito essencialmente pela destruição e dinamização da forma de nomear os seres e as coisas, pela movimentação da linguagem.

Sob o ponto de vista da Linguagem, Ouaknin (1996, p.60) afirma que “a função da narrativa é abrir a possibilidade de renascimento perpétuo do ser”, mas para que isso ocorra tornou-se necessário admitir um método que utilizasse a linguagem a fim de tornar essa terapia, um tratamento eficaz na recuperação de doenças psicossomáticas.

Para que essa função narrativa seja feita de forma adequada, orienta-se que seja feita sob os preceitos de um método que ficou conhecido como: Método Biblioterapêutico. Segundo Caldin (2001, p.37), o método biblioterapêutico funda-se em uma “dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem”. Sob este ponto de vista, observa-se que as palavras não são neutras e que é justamente essa linguagem metafórica que orienta o homem para além de si mesmo, sendo capaz de tornar-se outro, livre no pensamento e na ação.

Ainda convém lembrar que é essa linguagem em movimento que resulta no diálogo, o qual é visto como fundamento da Biblioterapia. O diálogo biblioterapêutico é composto por um pluralismo interpretativo, onde há um texto que funciona como objeto intermediário e “parceiros” que dentro de suas realidades podem manifestar seus comentários a partir de suas verdades e suas visões de mundo. Com isso percebe-se a importância que existe na exteriorização dessa particularidade e o quanto se contribui de forma efetiva quando analisada em conjunto.

O método biblioteconômico é aplicado a partir de alguns componentes pré-estabelecidos da Psicologia, esses componentes biblioterapêuticos são:

➤ A catarse:

Na Biblioterapia parte-se do pressuposto que toda experiência poética é catártica e que a liberação da emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, com valor terapêutico.

A Catarse é o método, desenvolvido pela psicanálise que tem por objetivo eliminar perturbações psíquicas, excitações nervosas, tensões, angústia, por meio da provocação de uma explosão emocional ou de outras formas, e baseando-se na recordação da cena e de fatos passados que estejam ligados àquelas perturbações.

Em conformidade com Aristóteles, a palavra catarses tem por significado a ideia de "limpeza da alma". Catarse, para ele é a palavra que, na Arte Poética, desencadeia terror, medo e piedade, tendo por consequência o inverso dessa sensação e com isso a purificação dessas emoções.

Josef Breuer foi o primeiro médico a utilizar o método catártico para curar as doenças psíquicas, utilizando a hipnose como ferramenta. Na verdade, a catarse está ligada de forma intrínseca ao início da Psicanálise de Freud.

O método que teve início em Bauer se resume nos seguintes passos:

- a) Primeiramente a pessoa passa por um acontecimento o qual estaria envolvido por muita emoção. Essa emoção como não pode ser exteriorizada em forma de ação ou verbalmente dentro de um período determinado, resulta num trauma psíquico;
- b) Posteriormente o trauma psíquico torna-se um mal psíquico, o qual é fomentado por restos daquela emoção reprimida, as quais ficam alocadas no inconsciente. A partir desse momento o indivíduo fica na condição de histeria;
- c) Nessa etapa o indivíduo ainda se encontra numa situação onde o mesmo ainda não tem conhecimento consciente do trauma, ou seja, ele sofre esse trauma mas não se lembra dos fatos ou daquele acontecimento específico que gerou o mal;
- d) Por fim, para salvar esse paciente livrando-o do trauma, submete-o ao processo hipnótico.

Na Biblioterapia o fluxo quase que se mantém idêntico ao de Bauer, porém como a mesma não se apropria do processo hipnótico, esse desvencilhamento acontece através da leitura.

Para Caldin (2001, p.37) ao evidenciar a leitura como função terapêutica, protege-se a ideia de terapia por meio dos livros. A autora ainda complementa a questão evidenciando que “muito embora a palavra terapia, em termos restritivos, possua um sentido curativo, na realidade envolve muito mais do que a cura – implica em uma atitude preventiva”.

Neste aspecto tem-se o sentido vital da palavra terapeuta como aquele que cuida, consistindo os primeiros terapeutas em médicos e filósofos, ou seja, aqueles que cuidam além do corpo também do espírito. Caldin admite que a palavra é uma

ferramenta essencial para o tratamento do ser / espírito pois convencem, emocionam e influenciam. É exatamente nesse ponto que se pode inferir o sentido da catarse aristotélica.

Ainda explanado essa relação, Caldin enfatiza que a Catarse como componente biblioterapêutico processa-se da mesma forma, uma vez que por meio de textos literários se alcança a “alegria serena” de que fala Aristóteles (1996). Isto é, a transformação de piedade e tremor em fruição se dá através da leitura de narrativas.

Partindo da conjuntura que toda experiência poética é catártica, Caldin (2001, p.38) ressalta “que o filósofo tomou de empréstimo o vocábulo médico que indica purificação do corpo de elementos nocivos e utilizou-o no sentido de purificação psicológica e intelectual”, dessa forma, pode-se compreender a catarse na biblioterapia como um método para gerar apaziguamento, serenidade e alívio das tensões.

Conclui-se que a Biblioterapia de apropria dessa ferramenta de forma que não há desacordo com a sua moderna concepção, em que o termo é utilizado com referência à função libertadora da arte.

➤ O humor:

Ao buscar em Freud fundamentação teórica para compreender o sentido do humor, observa-se que o humor seria uma criação simbólica repentina, no momento em que através da novidade, da surpresa e do inesperado desabrocha um novo sentido. É articulado e depende totalmente da linguagem e do deslizamento de sentido da palavra.

O humor é capaz de tornar o sujeito disposto a rir de si mesmo e evidencia que toda verdade é incompleta, que o ser humano é insuficiente, e quando a vida mostra a sua imperfeição e falha, ainda assim vale a pena uma boa risada

Em outras palavras, Caldin (2001, p.38) constata que:

O humor se configura como um triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer. O humor é, pois, a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. É a ação do superego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor. (FREUD, 1969).

Dado o exposto, percebe-se que textos que compreendem o humor compõem um exemplo de possibilidade terapêutica por meio da leitura.

➤ A identificação:

Na concepção freudiana o mecanismo da identificação é definido como um processo psíquico onde o indivíduo toma pra si os atributos do outro e modifica-se, de forma total ou parcial, como o modelo internalizado. A identificação é essencial, pois o indivíduo só constitui o seu eu frente as identificações com o próximo no decurso de sua vida, que é o tornar a si o outro.

Na prática biblioterápica, Caldin (2001, p.38) aproxima essa realidade afirmando que a identificação é um fator importante no que tange o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, e que nos acompanha desde a nossa infância, onde quando criança há uma identificação com os pais, com pessoas que se admiram e até mesmo com animais.

➤ A introjeção:

Nas palavras de Caldin (2001, p.39) “A introjeção constitui-se em um processo evidenciado pela investigação analítica: “o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 248)”.

O conceito de introjeção está intimamente ligado ao de identificação.

➤ A projeção:

A projeção como o próprio nome já indica, é o ato de projetar no sentido de transferir ao outro indivíduo nossas particularidades, nossas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos.

Caldin (2001, p.39) define projeção sobre a ótica de Laplace e Pontalis (1994, p.374), onde conceituam como “operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que lê, desconhece, ou recusa nele”.

➤ A introspecção:

A introspecção funda-se no ato de voltarmos-nos para nós mesmos e averiguarmos aquilo que está dentro do nosso espírito, não ilimitado o estado pois pode ser que seja um ato praticado, um estado de espírito ou apenas um sentimento. Em outras palavras a introspecção é uma análise interior e essa análise pode ser feita por qualquer indivíduo.

No entanto, o método introspectivo vai além dessa introspecção espontânea do ser humano, pois apresenta um carácter mais sistemático e deve ser realizado de forma guiada.

Sob a ótica da Biblioterapia, a leitura, ao favorecer a introspecção, leva o indivíduo a refletir sobre os seus sentimentos, o que de acordo com Caldin converte-se em um processo terapêutico, pois sempre desponta a possibilidade de mudança comportamental.

Neste contexto, situamos que a Biblioterapia sob o aspecto psicognitivo ou a Biblioterapia clínica, como é chamada destina-se a pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral e etc, Sua aplicação tem sido em sua maioria em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental e também em clínicas privadas, como consultórios de psicologia e asilos no que tange indivíduos com problemas psicológicos, sejam eles crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados.

Sob o ponto de vista dos aplicadores, torna-se necessário explicitar a existência de uma diferença entre casos de patologia psíquica e casos de cuidado, a fim de determinar a competência a quem é de direito.

Caldin (2010, p.45) estabelece que a diferença se dá pelo fato da “patologia ser sempre um desejo de uma normalidade, medida por um padrão. Já o cuidado pode ser entendido como um acolhimento do ser, o acolhimento daquilo que se manifesta nas relações, sem julgamento do que é normal”.

Concluimos que como destacado acima, é necessário perceber que justamente por ser uma terapia multidisciplinar, que abrange um leque de profissionais de áreas distintas e que cada campo do saber tem suas peculiaridades e aspectos específicos, há a necessidade de olhar esses profissionais que irão aplicar a biblioterapia sob óticas e habilidades distintas.

Por fim, sob esta ótica de competência do profissional para execução da prática biblioterápica sob os aspectos psicognitivos, os aplicadores dessas atividades deixam a cargo do psicanalista o modelo médico com suas técnicas psicoterápicas. Complementando, Caldin (2010, p.46) cita um estudo de Hasse (2004) onde o mesmo vê “a biblioterapia clínica como ciência coadjuvante, cujo facilitador ou terapeuta (profissional da área médica) utiliza uma abordagem psicológica para, após um diagnóstico clínico, planejamento e conhecimento médicos selecionar leituras como instrumento terapêutico”, ou seja, os aplicadores da biblioterapia não

podem ser considerados leitores sem treinamento algum, mais que isso, precisam ser profissionais capacitados e específicos para cada campo em que a terapia será utilizada.

3.1.2 BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO SOCIAL

A biblioterapia sob o aspecto psicognitivo evidenciou sua aplicabilidade mais especificamente no que atinge a saúde e seus aspectos biológicos, ou seja, na área médica. Porém é necessário compreender que a doença e a perda de equilíbrio não significa apenas um fato médico-biológico, mas também um processo histórico de vida e um processo social.

O propósito deste tópico é justamente apresentar este outro viés o qual se aplica a Biblioterapia. Com outro enfoque tem-se por objetivo aqui analisar a biblioterapia sob o aspecto social, onde se pode dizer que praticamente sua totalidade aborda e auxilia na questão pessoal do ser, que é conhecida por identidade.

A vida em sociedade sempre é originária de problemas, onde os indivíduos precisam ter a capacidade de administrar seus conflitos pessoais e os sociais, assim como saber lidar com suas frustrações, que são reais e com seus sonhos, que são possibilidades de concretização efetiva. O ponto chave dessa questão é que o problema, dentro de uma sociedade se renova constantemente. Como os problemas são originados nos seres sociais e como todo ser social é transitório e mutável, justifica-se que os problemas dentro de uma sociedade também sejam móveis e se renovem a cada momento em um constante ciclo de ser racional frente às crises, mesmo sendo colocadas de forma repetitivas, dando ao indivíduo a sensação que é sempre a mesma, isto é, um repetição, uma reinvenção incessante da roda. O que o indivíduo quase sempre não percebe é que toda crise é nova e tem sua própria dinâmica e possivelmente somente uma mente aberta e fresca seria capaz de perceber o dinamismo das crises sociais.

É nessa tentativa do indivíduo de se manter firme frente a essas crises que segundo Ouaknin (1996, p.63) ele busca sentir-se seguro e ao buscar essa segurança o homem constrói estruturas em que se sente protegido e das quais gosta de se fazer o centro. Essas estruturas são necessárias para a construção do ser humano, para a estabilidade da personalidade. Em contra partida inserir-se

nessas estruturas pré-estabelecidas pode ser um grande erro, um perigo. O problema surge no momento que o indivíduo possui um sentimento de aceitação, de acolhimento, de estrutura visível à qual ele pode se identificar e encontrar seu lugar na comunidade a qual faz parte. Nessa perspectiva que surge uma contradição: o indivíduo perde sua identidade a partir do momento que se identifica com o centro de identidade da estrutura.

Ouaknin (1996, p.63) faz uma comparação a essa realidade dizendo que:

Na prática cotidiana da vida em sociedade, isso se traduz na filiação ao grupo, à comunidade, ao partido, à ideologia, à pátria, etc., que exigem a adaptação de seus membros pela regulamentação, subordinação. A identidade central do grupo despoja os membros de sua liberdade, de sua identidade. O sujeito desaparece no anonimato do grupo. (OUAKNIN, 1996, p.63)

A biblioterapia, atada a uma prática hermenêutica que rompe com essas estruturas pré-estabelecidas pela instituição, oferece ao sujeito o que Ouaknin chama de “Caminho da liberdade”. É através desse “caminho” que o indivíduo se renova e não se limita a uma “fala falada” ou simplesmente um “pensamento pensado”. Longe disso, Ouaknin (1996) afirma que como consequência dessa prática, obtêm-se a cura, onde “A cura é ao mesmo tempo uma regenerescência do sujeito e de sua subjetividade, despojados da limitação de um “nós” coletivo”.

Através da Biblioterapia que o indivíduo terá a possibilidade de reencontro consigo mesmo, sendo esta a necessidade fundamental da vida, e isso se dá por um reaprendizado da leitura. Aprendendo a ler o ser aprende a encarar a “captura social da subjetividade”¹, encarando textos que formam, reduzindo a nada a existência da subjetividade. Aprender a ler para não se contentar com filosofias e ideias que, mesmo que verdadeiras “tornam-se falsas a partir do momento em que nos contentamos com elas” (ALAIN, apud OUAKNIN, 1996).

Ao fixar essa ideia da busca do ser pela sua identidade na sociedade, Ouaknin (1996, p. 98) define que “para a Biblioterapia, a identidade é um não-lugar [...] uma fronteira que não estabelece nem saber, nem lugar, onde seria permitido estabelecer-se. O estabelecimento, o enraizamento em um sentido seria um gosto antecipado da morte. O ser humano é um “ser de caminho”, um homem em marcha”. Em outras palavras o ser humano é uma criação contínua, em intenso movimento de

tornar-se e modificar-se. Esse tornar-se obrigatoriamente passa por um processo de transfiguração, a cada vez nova, de si e do mundo.

É da transfiguração, ou até mesmo podendo ser chamada de temporalização, que se apropria a tese central da biblioterapia, onde se concentra seu objetivo no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura. É a leitura criadora que incita novos pensamentos e novos atos, inventando e reinventando novos mundos, cuja novidade é também a renovação do sujeito leitor-criador.

No entanto, a leitura criadora não pode ocorrer sem que haja uma dilaceração, uma destruição do que existia anteriormente. Através desta ruptura, que o homem leitor-criador se reinventa trazendo a cura para si mesmo e a sua identidade.

Segundo Ouaknin, “do ponto de vista terminológico, podemos distinguir a identidade como *mesmidade* e a identidade como *ipseidade*”:

Entende-se por mesmidade como identificações do indivíduo o qual procura um princípio de permanência no tempo, definida como: caráter e a ideia da “palavra mantida na fidelidade à palavra dada”, a qual Ricoeur pontua que diferentemente da perseverança do caráter, é a perseverança da fidelidade a uma palavra dada. A manutenção da promessa constitui um desafio ao tempo e uma negação a mudança, visto que mesmo que o desejo do indivíduo em questão mudasse, mesmo que mudasse de opinião, de caráter tudo se manteria da mesma forma.

Por outro lado, entende-se por identidade-ipseidade, como o pensar, o viver e falar como o indivíduo em movimento, superando essa realidade estática. Em outras palavras, é uma identidade dinâmica, que procura, sem vínculos, ligar-se ao desconhecido.

A biblioterapia visa o problema da identidade pessoal como uma dialética viva entre ambas as identidades apresentadas acima, que se dá significativamente em torno da atividade da leitura e da interpretação.

Nesse cenário apresentado, a biblioterapia é vista como uma técnica de mudança comportamental que se dá através do autoconhecimento, utilizando qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que entram em conformidade com ela, para obtenção de uma modificação do seu comportamento.

Para desenvolvimento pessoal a Biblioterapia é descrita como apoio literário personalizado sendo possível a possibilidade de um desenvolvimento normal e

progressivo da indivíduo que buscou ajuda. Segundo Ferreira (2003, p.39) a biblioterapia pode ser utilizada, tanto de forma preventiva como corretiva, podendo também ser utilizada sob a forma de tratamento grupal.

Marcinko (1898) indica que dentro desta realidade, deve-se aplicar esta prática em instituições educacionais, junto a crianças adolescentes.

No artigo "*Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal*", o autor, Daniele Thiago Ferreira afirma que:

Nas escolas americanas a biblioterapia é aplicada para a leitura e reflexão sobre o que foi lido, identificando assim futuras fontes de problemas. O programa em geral inclui não apenas a leitura, mas também a criação de composições, poemas e histórias criativas, que é feita de forma livre. Por professores, alunos e o bibliotecário, se preocupações com notas ou outro tipo padronizado de avaliação; as crianças são livres para expressar seus sentimentos (Lack, 1985). Entretanto para efeito de alguma pesquisa ou avaliação posterior estes elementos podem ser transformados depois em dados que garantam uma base científica ao estudo realizado. (FERREIRA, 2003, p.13)

Como se pode ver, este tipo de Biblioterapia é utilizada para complementar a educação formal e ajudar na formação do ser como indivíduo, através de discussões orientadas e leitura dirigida.

Dessa forma, faz-se necessário finalizar esse tópico, ainda sob a ótica de Ferreira (2003, p.40), onde se afirma que é durante a infância que o indivíduo se volta para a detenção de um sentimento de autoconfiança, manifestando-se a necessidade de custódia de um sentimento de autoafirmação, onde se manifesta a necessidade de "obtenção de um senso de iniciativa na primeira infância senso de habilidade e engenho durante a segunda infância". Posteriormente na adolescência surgiria a necessidade de desenvolvimento do senso de identidade que se desenvolveria durante a juventude em uma maior necessidade de intimidade e individualidade. Já a vida adulta estaria voltada para a produtividade, alcançando finalmente a um senso de integridade do ego e auto realização da meia idade.

3.1.3 BIBLIOTERAPIA SOB O ASPECTO BIBLIOTECONÔMICO

Segundo Pinto (2005, p.40) foi por volta de 1940, que a Biblioterapia, como prática empírica passou a integrar em disciplina no campo da Biblioteconomia, tendo sido fortemente utilizada nas bibliotecas públicas e em bibliotecas de hospitais. Pinto

cita que de acordo com Pereira (1996, p.38) o florescimento dessa prática ocorreu “durante a primeira guerra mundial, quando bibliotecários leigos, notadamente da Cruz Vermelha, ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do exército”. Complementa ainda que a comprovação através de pesquisas da leitura como recurso terapêutico, só foi discutida de forma científica em 1949 por Caroline Shrodes, em sua tese de doutorado nomeada “*Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*”, defendida da Universidade de Berkeley, Califórnia, nos Estados Unidos. Pinto (2005, p.40) dá prosseguimento informando que foi por volta de 1950, que essa comprovação estava autenticada em 401 artigos publicados em periódicos considerados científicos, e que a partir desse momento a biblioterapia teve sua consolidação científica. As discussões sobre o tema não findaram nesse momento, e devido essa continuação a *American Library Association* (1957) criou um comitê destinado a cuidar dessas questões, intitulado de *American Library Association Bibliotherapy Committee*. Segundo Pereira (1996, apud PINTO, 2005), este comitê coordena uma pesquisa que tem por finalidade difundir a natureza e a extensão da atividade biblioterapêutica desenvolvida no Hospital Libraries Division.

No âmbito nacional, no Brasil, as experiências com a biblioterapia foram implementadas em vários hospitais e instituições, além de cursos em universidades para a área biblioteconômica, o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará foi o pioneiro da biblioterapia, através de um projeto de pesquisa praticado no bloco de oncologia do Hospital Infantil Albert Sabin, para crianças com câncer, onde se manteve até dezembro de 2000. Atualmente tem-se como referência na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1995, na graduação de Biblioteconomia a disciplina “*Biblioterapia, Leitura & Informação*” ministrada pela autora utilizada para embasamento teórico do atual trabalho, Clarisse Fortkamp Caldin.

Neste contexto vale ressaltar que segundo Caldin (2010, p.13) ainda nos dias atuais a produção bibliográfica no Brasil aponta a Biblioteconomia como área atuante na biblioterapia.

De modo genérico, a biblioterapia pode ser dividida em duas grandes categorias: a biblioterapia de desenvolvimento e a biblioterapia clínica. Neste tópico pretende-se analisar a primeira, onde a mesma é desenvolvida por bibliotecários.

Em todo este trabalho, o termo biblioterapia tem sido utilizado a fim de compreender seu conceito sobre diferentes óticas e sobre sua aplicação em si, não

diferentemente de tudo que já foi visto, sob o aspecto biblioteconômico a biblioterapia também é vista como uma terapia por meio de uma atividade em que se utilizam materiais bibliográficos e/ou atividades lúdicas que se utilizam de componentes pré-estabelecidos – os quais foram exaustivamente explicados – sendo reconhecida como uma prática solidário que agrupa intersubjetividade, intercorporeidade, descentramento a qual é acrescentada as ideias da imaginação, das expectativas e das lembranças de todos os que tomam parte nas atividades biblioterapêuticas.

Sob o aspecto Biblioteconômico Pintos (1999, apud PINTO, 2005), aponta que um programa de biblioterapia induz o indivíduo participante a perceber que ele não é o primeiro a vivenciar tais problemas, é necessário que o aplicador dessa prática de solidarize com o participante a fim de que ele possa perceber que todos os valores envolvidos nas suas vivências, possibilitando-o a encarar a realidade do problema em questão e perceber suas possíveis soluções. De acordo com essa perspectiva, o processo terapêutico implementado pelo bibliotecário está relacionado principalmente ao ato de sarar, o qual é ordenado pelo indivíduo enfermo, e como processo essa “cura” é produzida e concretizada de dentro para fora.

Conforme visto anteriormente, o processo biblioterapêutico exige que os profissionais sejam qualificados, pois é essa qualificação que proporciona momentos de leitura e interpretação de argumentos capazes de alterar o estado cognitivo do indivíduo ou grupo trabalhado. Esses profissionais são conhecidos como Biblioterapeutas, os quais fazem parte de diversas áreas de atuação profissional. Esses profissionais são vistos como mediadores da informação, pois eles são os responsáveis pela transferência de informações interpretadas às pessoas e com isso permitindo o desenvolvimento cognitivo.

Ainda que o Bibliotecário tenha competências profissionais e seja visto como capacitado para atuar no processo biblioterapêutico, muitos autores ainda discordam dessa capacidade.

Guedes e Baptista (2013, p.245) fizeram um levantamento de alguns desses pontos de vista, levantado sobre a ótica de diferentes autores da área como Hasse, Pereira, Hanningan, Caldin e outros, sobre o profissional bibliotecário na prática da biblioterapia.

Nesse levantamento, temos alguns pontos de vista como: Segundo Hasse (2004 apud GUEDES E BAPTISTA, 2013) como profissional da área da informação,

indaga a capacidade profissional do bibliotecário nessas atividades, onde ele afirma que o bibliotecário não possui habilidades específicas para implementação das atividades biblioterapêuticas, pois necessita de uma capacitação diferente do que o curso exige do futuro profissional. Caldin (2010) afirma que o bibliotecário que pretende se apropriar desta atividade precisa possuir um perfil social de profissional, e para além possuir uma estrutura emocional, física e moral estável. A autora ainda afirma que o bibliotecário com essas características ainda que estejam aptos para serem aplicadores da biblioterapia, ainda assim não podem ser considerados biblioterapeutas.

Já Pereira (1996 apud GUEDES E BAPTISTA, 2013) defende a ideia de que o bibliotecário pode ser visto como biblioterapeuta, porém, que o mesmo deve atuar em conjunto com outros profissionais, sendo de sua responsabilidade lidar com todo material bibliográfico no que diz respeito a seleção, aquisição, manutenção, distribuição e avaliação da atividade.

Hanningan (1962 apud GUEDES E BAPTISTA, 2013) faz uma comparação entre o bibliotecário e o farmacêutico, onde o primeiro pode apenas disponibilizar os materiais bibliográficos prescritos e sugerir tanto leituras como atividades para o indivíduo.

Guedes e Baptista (2013) afirmam que, a biblioterapia é associada à ciência da informação, devido seu destaque na participação de compreender as diretrizes do processo informacional, principalmente no que tange a manipulação documental. Segundo as autoras “o bibliotecário, como profissional da informação, é um agente de mediação da informação com responsabilidades sociais”.

Mais do que a informação, o bibliotecário deve estar preocupado com a mediação da informação. Hoje, nossa reflexão aponta para a mediação - muito mais do que a informação - como o objeto principal da Biblioteconomia e, portanto, do fazer bibliotecário. Tendo a mediação como diretriz, como norte, como objeto, o bibliotecário pode alterar, pode transformar sua ação social, não a ideal, mas a real. (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, p.85 apud GUEDES E BAPTISTA, 2013)

Focando na função social do mediador, Almeida Júnior e Bortolin (2007 apud GUEDES E BAPTISTA, 2013) afirmam que esse profissional mediador tem o poder de interferir eticamente no cotidiano do indivíduo que busca a terapia, alimentando a iniciativa de buscar informações e leituras, e exatamente por meio destas, facilitar a

o conhecimento, conhecimento este que ao ser adquirido é capaz de se tornar uma construção constante da vida.

Faz parte da atuação do biblioterapeuta ser o responsável pela seleção de material utilizado, leitura de histórias ou textos, interpretação e discussão de informações concedidas na leitura e difusão do conhecimento adquirido.

Guedes e Baptista também citaram Gumireiro e colaboradores (2007, p.41) que focam suas ideias afirmando que “[...] o bibliotecário deve, juntamente aos demais profissionais envolvidos com a biblioterapia, conduzir a informação de que necessitem e exercer o papel social de contribuição para sociedade”.

Nota se que a formação bibliotecária é um fator que influencia diretamente o profissional da sua relação com a aplicação da prática da biblioterapia.

Silva e Pinheiro (2008, p.2 apud GUEDES E BAPTISTA, 2013) fundamentam que toda essa problemática que envolve a capacitação profissional dos bibliotecários como biblioterapeutas. se dá devido a falta de cursos de Biblioteconomia que fornecem uma formação adequada às competências exigidas para o bibliotecário desenvolver essas práticas. Questões como estas precisam ser urgentemente tratadas nos currículos dos curso de biblioteconomia, de forma que este campo não seja visto pela sociedade apenas em relação aos aspectos práticos tratados pela área.

Com exposto acima, conclui-se que o Bibliotecário, como mediador da informação e do conhecimento, na biblioterapia pode ser visto como um biblioterapeuta, porém é necessário definir seu papel e preparar-se com cursos específicos e especializações na área.

Neste contexto, Pinto (2005, apud GUEDES E BAPTISTA, 2013) indagam a atuação do bibliotecário e conclui:

[...] a Biblioterapia é uma seara de atuação para o bibliotecário, porém a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo. É (sic) interessante que, nas discussões travadas no âmbito dos cursos de Biblioteconomia, em virtude da implantação dos seus projetos políticos pedagógicos, a Biblioterapia como lócus de ação do profissional de informação (bibliotecário) também seja contemplada, de maneira a oferecer (sic) oportunidades aos que buscam conhecimentos sobre esta disciplina (PINTO, 2005, p. 42 apud GUEDES E BAPTISTA, 2013).

Embora possa ser considerada uma especialização da Biblioteconomia e o papel do bibliotecário na aplicação da biblioterapia ser discutido por diversos autores, encontra-se na literatura especializada, algumas diretrizes básicas as quais os bibliotecários devem seguir na elaboração e conclusão do processo biblioterápico (RUBIN, citado por FERREIRA, 1989). As diretrizes básicas são:

- a) ele deve escolher um local adequado para a realização das reuniões do grupo;
- b) deve ter tido um treinamento adequado e estar capacitado para conduzir as discussões do grupo;
- c) deve formar grupos homogêneos para leitura e discussão de temas previamente escolhidos
- d) deve preparar listas de material bibliográfico adequadas às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidades a nível cultural e social dos participantes;
- e) mesmo que não haja aplicação de terapia ou psicoterapia, como em alguns casos de biblioterapia para crianças, é necessário estabelecer uma situação de ajuda entre o bibliotecário e o usuário, a partir daí será possível elaborar um programa estruturado;
- f) o bibliotecário ou biblioterapeuta, deve usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado;
- g) deve selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;
- h) deve selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema, como poesias sobre suicídios, por exemplo;
- i) deve selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da pessoa, sua capacidade individual de leitura e suas preferências culturais e individuais;
- j) deve selecionar material impresso e não impresso na mesma medida.

É preciso destacar que além dessas diretrizes básicas, é necessário ocorrer também uma maior interação do bibliotecário com o processo em si, tanto de análise

quanto de conhecimento, que é específico da biblioterapia como processo terapêutico, seja sob o ponto de vista cognitivo, seja pelo afetivo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por compreender que o discurso teórico e prático da Biblioterapia praticada no Brasil estaria então norteada principalmente pelas duas fenomenologias, de Merleau-Ponty e de Paul Ricoeur, tornou-se interessante propor que para avaliação da pesquisa resultando na conclusão final do trabalho fosse utilizado o Método Fenomenológico. Entende-se que a presente reflexão poderá futuramente ser recuperada na literatura brasileira em buscas de outros trabalhos que tenham esse tema como foco de pesquisa.

A pesquisa realizada apresenta em sua metodologia características de um procedimento sistemático de revisão, sem metanálise, de cunho descritivo, onde se tem o objetivo de identificar as características de um determinado problema ou questão e descrever o comportamento dos fatos e fenômenos em questão (VIEIRA, 2002) e exploratório.

Triviños (1987, p. 109), descreve que a pesquisa exploratória permite ao investigador “aumentar sua experiência em torno de determinado problema” especialmente porque o pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimentos para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou de tipo experimental”. Além disso, é apropriada para delimitar ou manejar com maior segurança uma teoria cujo enunciado resulta amplitude para os objetivos da pesquisa que tem em mente realizar. “Desse modo para o autor um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa”.

Como procedimento de pesquisa, optou-se por uma revisão sistemática de literatura.

4.1 REVISÃO SISTEMÁTICA

A Revisão Sistemática (SR) é uma técnica usada para procurar evidências na literatura científica de que é conduzida de uma maneira formal, aplicando etapas bem definidas, de acordo com protocolo previamente elaborado. “uma revisão sistemática requer uma pergunta clara, a definição de uma estratégia de busca, o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos artigos e, acima de tudo,

uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada”. O processo de desenvolvimento desse tipo de estudo de revisão inclui caracterizar cada estudo selecionado, avaliar a qualidade deles, identificar conceitos importantes, comparar as análises estatísticas apresentadas e concluir sobre o que a literatura informa em relação a determinada intervenção, apontando ainda problemas/questões que necessitam de novos estudos. Esse procedimento difere das revisões narrativas no sentido de que estes não informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca de referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos.

Percebe-se que boas revisões sistemáticas são recursos importantes frente ao crescimento acelerado da informação científica. Esses estudos ajudam a sintetizar a evidência disponível na literatura sobre uma intervenção, podendo auxiliar profissionais clínicos e pesquisadores no seu cotidiano de trabalho.

Uma busca de pesquisas convergentes ao propósito da pesquisa, envolve empregar uma estratégia que inclua termos adequados, bem como a escolha de base de dados apropriada, ou seja, as bases de dados que concentrem publicações relativas ao tema e que tenham reconhecimento por uma especialidade. Desse modo, na pesquisa, optou-se pela busca dos artigos científicos na PUBMed. Cabe recordar que a busca foi conduzida considerando a pergunta inicial da pesquisa., mas a partir de uma questão específica, que visa compreender a apropriação e uso da biblioterapia como método terapêutico.

O corpus de análise da pesquisa foram os documentos publicados na base de dados Pubmed, um banco de dados que possibilita a pesquisa bibliográfica em mais de 17 milhões de referências de artigos médicos publicados em cerca de 3.800 revistas científicas. O PubMed, foi desenvolvido pelo National Center for Biotechnology Information, NCBI (em português: Centro Nacional para a Informação Biotecnológica) e mantido pela National Library of Medicine (em português: Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos da América), é a versão gratuita do banco de dados Medline, usando o tesouro de Medical Subject Headings.

Optou-se pela Pubmed, porque esta base de dados indexa publicações das ciências da saúde, com isso sendo possível verificar os usos e apropriações da biblioterapia – técnica comumente desenvolvida e apropriada pelo campo da Biblioteconomia, dessa forma evidenciando sua aplicabilidade.

Cabe destacar que na pesquisa utilizamos uma ferramenta que chama-se Zotero. Essa ferramenta foi desenvolvida para ter como objetivo ajudar o pesquisador, dando suporte para a aplicação desta técnica.

Dos procedimentos necessários, utilizou-se os critérios estabelecidos por Rother (2007), o qual recomenda que as revisões sistemáticas sejam procedurais, onde se orientou pela recomendação da Colaboração Cochrane da seguinte maneira:

a) **Formulação da pergunta** - a realização de uma revisão sistemática deve ser iniciada com a formulação de uma pergunta onde serão definidos a problemática e a intervenção é a base para decisão do que deve ou não ser incluído na revisão. Nesta pesquisa, orientou-se tentando responder se existe a eficácia da biblioterapia na área da saúde.

b) **Localização dos estudos** – deve utilizar fontes de busca para localização e identificação dos estudos, devendo ser incluídos estudos relevantes das principais bases de dados eletrônicas, além de outras fontes de informação como: trabalhos publicados em anais de congressos; estudos de especialistas e buscas manuais em revistas não disponíveis nas bases de dados. Para cada uma dessas fontes utilizadas deve ser detalhada a estratégia de busca utilizada.

c) **Avaliação crítica dos estudos** - são critérios para determinar a validade dos estudos selecionados. Essa avaliação crítica permite determinar quais estudos irão ser utilizados na revisão. Os que não preencherem os critérios de validade deverão ser citados e explicados o motivo de sua exclusão.

d) **Coleta de dados** - todas as variáveis estudadas devem ser observadas nos estudos e resumidas, que permitirão determinar a possibilidade de comparar ou não os estudos selecionados.

e) **Análise e apresentação dos dados** – os estudos deverão ser agrupados baseados na semelhança entre os estudos. Cada um desses agrupamentos deverá ser preestabelecido no projeto, assim como a forma de apresentação gráfica e numérica, para facilitar o entendimento do leitor.

4.1.0 O PROCEDIMENTO DE REVISÃO SISTEMÁTICA EMPREGADO NA PESQUISA

Para embasamento teórico, além dos artigos científicos encontrados na base de dados selecionada, foram utilizados nessa pesquisa dois livros de onde partem os referenciais teóricos de tudo o que é produzido no Brasil sobre o tema: “Biblioterapia: um cuidado com o ser” (s/d) de Caldin e a tradução de “Biblioterapia” de Marc- Alain Ouaknin (1996).

Como ambos os autores praticam uma biblioterapia mais voltada ao ato de leitura como expansão imaginativa e nesse sentido terapêutica, o presente trabalho não tem a preocupação de destacar e se aprofundar nas enfermidades corporais ou mentais daqueles que buscam esse tratamento e sim avaliar de uma forma ampla a sua eficácia.

No dia primeiro de outubro de 2014, foi realizada uma busca sobre o tema na base de dados selecionada, PubMed, através da consulta pelo descritor “Biblioteraphy”. Não julgou-se necessário outras estratégias de busca, como o uso de operadores booleanos devido à especificidade do tema. Procurou-se por artigos apresentados na íntegra, escritos em Português, Inglês e Espanhol, delimitação do tempo - 1973 a 2014 - ou restrições sobre o tipo de estudo e amostra. Nesta busca foram recuperados 441 registros.

Posteriormente optou-se por selecionar os primeiros duzentos registros por grau de relevância – ou seja, os artigos mais citados. Logo em seguida optou-se por uma análise dos títulos, buscando aqueles que possivelmente compreendessem a avaliação da eficácia dessa ferramenta e posteriormente uma leitura dos resumos dos artigos, visando selecionar aqueles mais pertinentes ao contexto da pesquisa. É importante destacar, que por ser uma base de dados específica da área da saúde, praticamente todos os 160 registros não selecionados, focavam seus estudos nas doenças e nos processos biológicos e não necessariamente na prática em si da terapia analisada.

Outro critério de exclusão que foi utilizado foram todos os artigos recuperados que não continham a palavra “*Bibliotherapy*” e sim, recuperados termos parecidos que contivessem apenas o termo “*Therapy*”. Essa primeira filtragem resultou em 40 artigos.

Por fim, de acordo com a disponibilidade de artigos disponíveis na íntegra e contextualização ao tema, a fim de responder a perguntar fundamentadora de toda pesquisa optou-se pela leitura e sistematização dos dados de 20 artigos.

Finalmente, os artigos identificados pela estratégia de busca foram avaliados, de forma independente e cegada, somente pela graduanda (autora), obedecendo rigorosamente aos critérios de inclusão: texto na íntegra, tempo de busca (1972-2014), população-alvo (criança, adolescente e adulto), intervenções (atuação biblioterapêutica), tipo de estudo (sem delimitação) e idioma (português, inglês e espanhol). Tais estratégias foram tomadas com o intuito de maximizar os resultados da pesquisa, uma vez que foi constatada escassez de literatura.

Figura 3: Representação da recuperação da informação



Fonte: Elaborado pela autora (2014)

5 RESULTADOS

O objetivo deste capítulo é disponibilizar os resultados da pesquisa utilizando o Método Fenomenológico e a partir de então, compartilhando a análise que foi feita de cada artigo utilizado, através da revisão sistemática.

Como o escopo da pesquisa é oriundo de uma base específica da área médica, todos os 20 artigos utilizados na pesquisa, tiveram como foco um olhar extremamente voltado para o ponto de vista médico das enfermidades e como a Biblioterapia é utilizada como ferramenta especificamente nessa área.

Todos os artigos que serviram de insumo são de língua inglesa, focados em doenças psicossomáticas como depressão e psicoses, doenças degenerativas, vasculares, alcoolismos e estudos pilotos baseados em evidências.

Desse modo, dezesseis dos 20 artigos selecionados entendem que embora a Biblioterapia tenha sido muito utilizada como um completar a terapêutica médica, sua eficácia até agora foi baseada na leitura com o paciente e discussão de livros selecionados pode ser considerada efetiva.

Os autores do artigo "*Cognitive Bibliotherapy for Depression: A Meta-Analysis*" relataram uma meta-análise de 29 estudos sobre os resultados de formas cognitivas de biblioterapia para depressão. São dezessete estudos com desenhos de pesquisa mais fortes (lista de espera do grupo de controle pré-teste e pós-teste) rendeu um valor de efeito respeitável de 0,77, sendo considerada a melhor estimativa do tamanho do efeito a partir deste estudo. Este resultado comparou favoravelmente com os resultados de psicoterapia individual. O tratamento da depressão é uma área em que os profissionais usam a biblioterapia com frequência considerável (STARKER, 1988). Na maioria das vezes, os materiais utilizados são cognitivos, comportamentais ou cognitivo-comportamental de natureza, em outras palavras, conclui-se que a eficácia se dá através das formas de biblioterapia em que utilizam os materiais de Literatura.

O estudo revelou também que o tratamento gerou satisfação, instrução didática sobre o princípio central de que você se vê da maneira que você pensa e, além disso, que os sentimentos ruins, muitas vezes surgem de pensamentos distorcidos, instrução e prática sobre técnicas adicionais tais como a análise de custo-benefício e de examinar a evidência, prática com técnicas cognitivas mais avançadas, incluindo a paradoxo da aceitação, prática na identificação e modificação de suas próprias

crença, convicções sobre a auto-estima, identificação e correção de perfeccionismo; análise de procrastinação e ajuda prescritiva e prática de todos os aspectos acima.

O artigo "*Library Work with Brain Damaged Patients: A New Mode of Bibliotherapy*", de Hynes (1972), há o relato da primeira instância da biblioterapia com não-leitores, dentre os quais apresentam limitações especiais de pacientes com lesões cerebrais, o qual é proposto um programa flexível de trabalho da biblioteca com estes pacientes estabelecendo uma abordagem interdisciplinar para a biblioterapia.

Foi a partir deste caso que E. P. Jackson afirma que para a prática da biblioterapia "Será necessário saber o máximo possível da pessoa (paciente) porque a sua resposta ao material é determinada por predisposições". G. B. Webb, citado por Hynes (1972), afirma que um livro pode afetar pessoas diferentes em diferentes maneiras, que "não são pessoas de outro modo estáveis que estão emocionalmente perturbadas por alguns assuntos fora de toda a proporção de sua importância", em outras palavras, sendo mais específicos a prática Biblioteconômica, para ser Bibliotecário de pacientes, deve-se estudar não livros, mas sim pessoas.

Dentre os artigos analisados, torna-se possível verificar que muitas foram às doenças observadas nos estudos piloto, como: Acidentes Vasculares, Alcoolismo Crônico, Encefalopatia de Wernick, Síndromes que desorientam e afetam a memória, AVC remoto em hemiparesia, Diabetes, Doenças Cardíacas, Esclerose múltipla, Enfisema, Bronquite crônica, Surdez, Catarata, Doenças causadas por traumas, Cirrose do fígado que o acompanha e cerebral degeneração, Alcoolatra e crônico epilético, Afasia motora; Diagnóstico de demência senil, Esquizofrenia, Insuficiência cardíaca congestiva e um gastrintestinal doença, entre tantas outras, as quais não se tem comprovação científica que a aplicabilidade de uma Biblioterapia tenha sido capaz de reverter o quadro, porém é importante destacar que por funções biológicas e principalmente cerebrais, todas as doenças citadas acima em seu desenvolvimento podem afetar diretamente o sistema vascular, gerando danos cerebrais, os quais de acordo com sua extensão causam reações psicológicas conhecidas como transtornos e psicoses, onde essas sim são tratadas de forma eficaz pela prática da terapia em questão.

Porém, de acordo com a maioria dos estudos e dos relatórios a aplicação da biblioterapia deve ser usada com pessoas que tenham depressão de leve a

moderada (CUIJPERS, 1997). Considerando que é muito arriscado os casos graves, pois a depressão grave pode vir associada com o suicídio.

A utilização da biblioterapia para vida hospitalar dos enfermos evidenciou que a socialização pode ser a chave para uma vida mais feliz e por outro lado a biblioteca pode ser vista na condição de fornecer estímulos sociais em uma base virtualmente ilimitada, que é a de internação dos pacientes, onde os livros podem oferecer uma ampla gama de experiências dos quais os pacientes do hospital não poderiam de outra forma alcançar.

Outro ponto resultante desta análise é a percepção do agente transformador, o Biblioterapeuta, que na posição de observador do paciente precisa ter a sensibilidade de verificar esse indivíduo, paciente que se encontra em estado de depressão e obstinado, graças à completa falta de insight.

Dentro desta perspectiva clínica de doenças psicognitivas, 80% dos autores afirmam que para alcançar essa eficácia à leitura para esse tipo de indivíduo deve ser feita em voz alta, com materiais de leitura de um nível de leitura elementar. As histórias em tais livros tendem a serem curtas, não excedendo assim o cérebro comprometido do paciente, que possui uma capacidade de atenção limitada, além disso, essas histórias consistem principalmente de ação, em vez de descrição, devem ser simples e de ação direta. Já os materiais complementares de leitura devem ser fornecidos pelo estabelecimento, num local específico, como por exemplo, uma estante de biblioteca no quarto e num determinado dia na enfermaria. Os livros escolhidos para esta prateleira devem ter letras grandes para que os pacientes com visão limitada possam ler em seu próprio ritmo, se desejarem fazê-lo. Livros de imagens devem também ser incluídos para que mesmo aqueles pacientes que não sabem ler possam desfrutar a sensação de um livro e revistas, pois elas possibilitaram que o paciente faça um link com o mundo exterior ao que é desejado. Finalmente, todas as leituras (ambos os grupos e individual) devem ser discutidas a fim de discernir os interesses e sentimentos dos pacientes. Além disso, durante essas discussões, os problemas pessoais dos pacientes podem vir à tona e estas informações devem ser repassadas para os membros da equipe médica que estão equipados de forma alopática para lidar com problemas específicos.

Após empregar essa prática em hospitais, Hynes (1972) verificou que depois de um quarto de ano, os pacientes foram finalmente começando a perceber que não era apenas histórias sem fundamento, pois além de ajudá-los no processo de cura

também estabeleceram uma ligação com os recursos da biblioteca, com isso foi possível perceber que a integração foi completa.

Esse resultado torna-se importante para o bibliotecário, pois isso significa que esse profissional também pode trabalhar com pacientes com lesões cerebrais, ou seja, um grupo até então considerado distante do alcance da biblioterapia praticada por bibliotecários.

É importante perceber que mesmo que esses pacientes não possam compreender as alusões sutis e metáforas dos textos, eles podem apreciar o óbvio, que são os sons e ritmos, e com isso pode ser o bibliotecário o “melhor amigo” de um indivíduo ou de um grupo deles através de sessões de terapia, pois qualquer um dos versinhos é uma boa escolha, uma vez que os padrões rítmicos e rimas são facilmente percebidos.

Por outro lado, é preciso ver o processo terapêutico com total profissionalismo e capacitação, pois o bibliotecário deve ter o cuidado de não incluir qualquer coisa em suas sessões literárias, pois um paciente sensível pode analisar tal prática de forma indevida. É importante perceber que objetivo é deixar os pacientes rir uns com os outros, e não do outro.

Tal como acontece com outras modalidades de tratamento, há riscos de se utilizar biblioterapia de forma indevida. Uma má seleção pode ser prejudicial, produzindo efeitos contraproducentes ou negativos. Além disso, existe uma possibilidade de que alguns pacientes-leitores possam fracassar se não houver nenhum esclarecimento ou acompanhamento para esta modalidade de tratamento. Em uma época de restrições de custo, é conveniente que a biblioterapia seja implementada por um profissional que assuma com capacidade a relação entre o terapeuta e o paciente, ou seja, uma terapia de humanos para humanos.

Para evitar quaisquer efeitos adversos da biblioterapia, o biblioterapeuta deve obter formação adequada e conhecimento no processo terapêutico, bem como adquirir um conhecimento profundo dos textos didáticos e da literatura. O bibliotecário na condição de profissional responsável deve sempre lembrar que não é fácil para muitos destes seres humanos estabelecerem contatos. Muitos de seus esforços vão ao encontro com a frustração. Os pacientes poderão ser apáticos e não cooperativos. Poderá haver muitas interrupções, tanto intencionais como não intencionais. Portanto, o bibliotecário deve permanecer persuasivo e entusiasta e não permitir a distração. Pacientes na condição de comprometimento cerebral estão

constantemente em perigo, podendo ser vistos como escravos de suas próprias mentes, com isso uma interrupção por um paciente pode transformar uma sessão de leitura em um caos se não imediatamente verificado.

O bibliotecário também deve se lembrar de interagir com seus pacientes, individualmente, bem como em grupo. Segundo o estudo de I. Belmont, o qual foi citado por Hayes (1972), pode-se afirmar que pacientes nessas condições físicas e mentais, que tiveram uma maior interação com o mediador, partindo de um maior contato interpessoal e através de uma linguagem específica resultou no aumento da participação desses pacientes e diretamente na sua reabilitação. Nesse momento que os pacientes começam a interagir, o bibliotecário deve ouvir o que eles estão dizendo, isso fará com que o bibliotecário não só evidencie nos seus pacientes o interesse pela leitura, mas também seus problemas pessoais.

O que é mais importante é que a escuta atenta do bibliotecário pode proporcionar um verdadeiro impulso para o ego do paciente. Pacientes com lesões cerebrais podem não perceber que eles são diferentes e que os outros pacientes tendem ignorar ou imitá-los e é esse profissional que pode fazer muito para aliviar esses sentimentos de inferioridade desses enfermos.

Uma consideração importante é que a introdução de qualquer intervenção em saúde precisa analisar sua eficácia e eficiência. Muitos dos primeiros exemplos de biblioterapia tinham uma avaliação mínima e foram baseadas principalmente em relatos ou estudos de caso, hoje em dia as pesquisas são vistas com mais propriedade, pois se utilizam da avaliação quantitativa, utilizando cada vez mais técnicas estatísticas sofisticadas (JACK & RONAN, 2008)

De acordo com os artigos analisados, atualmente existem elementos suficientes para considerar que a Biblioterapia é um tratamento de baixo custo que incentiva a participação dos pacientes e incentiva o trabalho em parceria, o qual pode ser visto sim de forma eficaz (CHAMBERLAIN et al. 2008, p. 34).

Ainda assim, identificaram um número de vantagens adicionais desta forma de tratamento. A Biblioterapia tem o potencial de ser altamente acessível para uma grande parte da população (WILLIAMS, 2001). Ela pode proporcionar uma libertação imediata, de forma barata, não invasiva e sem a ameaça de estigmatização que pode acompanhar a busca da saúde mental de tratamento (CUIJPERS, 1997). Grupos carentes e os indivíduos em filas de espera, ou pessoas que, de outra forma

não teriam condições de se tratarem por via tradicional, poderiam ter acesso a esse tratamento.

Analisando a questão da eficácia deste tratamento, tornou-se possível perceber através do estudo de Silverberg (2003) que as dinâmicas internas que ocorrem durante um tratamento bem sucedido com a biblioterapia podem ser divididas em dois tipos e neste processo, um resultado positivo é provocado pelos mecanismos de mudança e um resultado negativo é um resultado de mecanismos de defesa do paciente-leitor que está sendo despertado por este tratamento.

Figura 4: Representação do processo positivo e negativo do tratamento biblioterápico

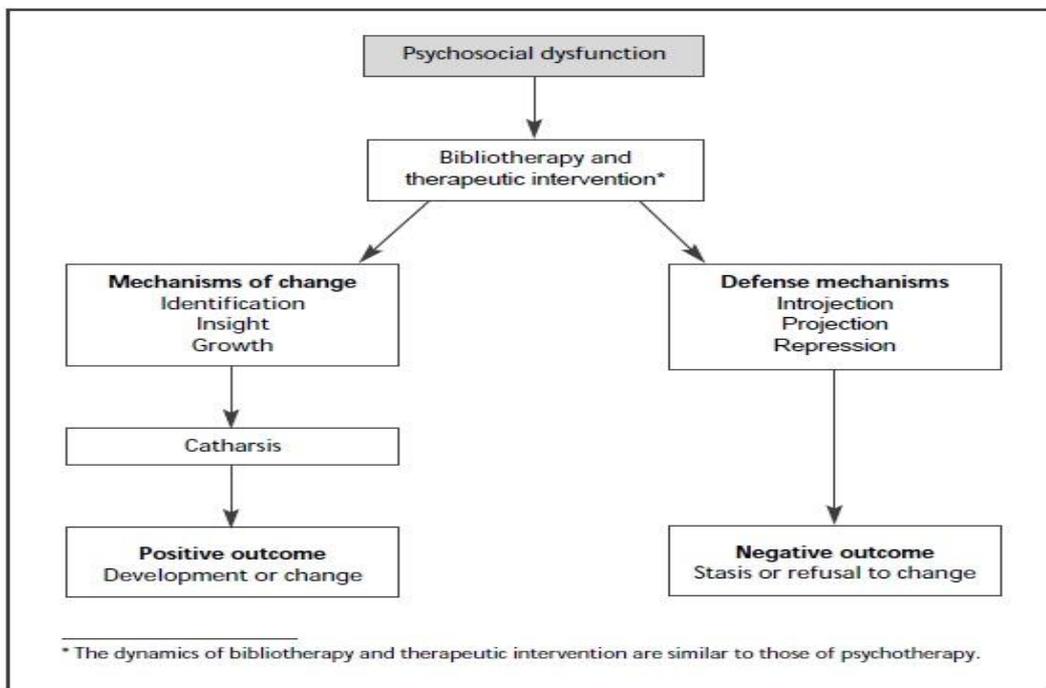


Figure 1. The bibliotherapeutic process.

Fonte: Silverberg, 2003, p.132.

Em biblioterapia, os mecanismos de mudança ocorrem no momento que expandem a consciência do paciente leitor, desmascarando e produzindo insights sobre questões pessoais e sugerindo soluções que ajudaram os outros a lidar com sentimentos e situações semelhantes para a sua própria vida, inclusive a separação ou perda causada por interações humanas.

Pode-se considerar que através da Biblioterapia o processo de reconhecimento, que ocorre quando o leitor-paciente experimenta a sensação de familiaridade ou de auto-reconhecimento durante a leitura. É válido destacar que através dos estudos

comprovou-se que a experiência de auto-descoberta resultante do processo biblioterápico pode não ser dramática e o leitor permanece em controle do seu grau de identificação

Os contos, o teatro, e trechos de prosa têm sido usados com sucesso para tratar de temas como adolescência, alcoolismo, gestão de raiva, compaixão, namoro, família, medo, identidade, justiça, vida e morte, solidão, amor, casamento, relações pai-filho, vingança, auto-imagem, e sexualidade.

Especificamente se tratando de crianças, sua eficácia ocorre quando utilizam histórias, contos e fábulas como meio de encontrar paralelos com os seus problemas e necessidades. Percebeu-se também que a comunicação aberta entre adultos e crianças é vital para o desenvolvimento de relacionamentos bem sucedidos em longo prazo, ainda que essa comunicação ainda seja muitas vezes difícil.

Enquanto a biblioterapia é particularmente bem adaptada para as crianças que mostram sintomas de disfunção psicossocial ou desajuste, o tratamento deve também ser considerado como um veículo para a apresentação de um desafio através de ideias, o que promove a visão de conceitos importantes, e fomentam o desenvolvimento de uma visão pessoal para todas as crianças tratadas.

Verificou-se que para cumprir os objetivos da biblioterapia, existem dois tipos distintos de material que são comumente usados: materiais didáticos e imaginativos. A diferença se dá da seguinte forma: Os textos didáticos são instrucional e educacional, ou seja, similar aos livros didáticos utilizados no processo educacional tradicional. O propósito dos textos didáticos é facilitar uma mudança direta no indivíduo por meio de uma compreensão cognitiva dele mesmo. Por outro lado, a literatura imaginativa refere-se à apresentação dramática do comportamento do ser humano, através da ficção, poesia, drama, biografia e autobiografia.

As evidências científicas indicam que a literatura imaginativa tem um maior potencial para trazer a mudança necessária para o indivíduo, porque é mais provável que produza uma experiência emocional que é essencial para a “cura”. Essa cura acontece, pois o leitor passa a ter uma visão sobre o seu próprio comportamento e problemas através de uma identificação forte com o impasse de um personagem e, assim, ser capaz de “tomar um passo para trás” e aceitar a realidade de uma situação mais facilmente. Através da leitura, um paciente pode aprender que um problema que ele está enfrentando não é algo exclusivo, e que

através dessa percepção ele tem o potencial para reduzir o medo do desconhecido. Esse leitor ganha a partir dessa sensação um sentimento de universalidade, surge a percepção de que ele não está sozinho com o problema.

O estudo certificou-se também que a Biblioterapia foi utilizada na psiquiátrica, na educação, em atividades corretivas e no campo médico e verificou-se que essa técnica tem sido uma intervenção eficaz para crianças com disfunção psicossocial, provando ser uma comunicação poderosa e uma ferramenta valiosa, uma vez que permitiu que as crianças se envolvessem em discussões abertas com suas famílias sobre seus estados de saúde.

Uma novidade vista nos estudos é com relação a nomenclatura utilizada, embora o termo biblioterapia sugira principalmente uma modalidade de tratamento, quando a técnica é utilizada para fins de diagnóstico ou para fins de prevenção, alguns profissionais preferem a o uso de outros termos. Por exemplo, de acordo com o estudo de Silverbeg (2003) o "Bibliodiagnóstico" é aplicado quando as técnicas de biblioterapia são utilizadas para avaliação já o "Biblioprofilaxia" é usado quando o objetivo é a prevenção.

Os estudos reconheceram também que a Biblioterapia pode ser prescrita como um "medicamento" para promover a educação para a saúde e que pode ser utilizada no tratamento de pacientes para inúmeras condições, porque textos didáticos e literários têm sua eficácia clínica comprovada e os efeitos positivos sobre o comportamento desses leitores-pacientes têm sido bem documentadas.

Um ponto levantado na revisão e que precisa ser citado, é que a justificativa para que se ignore este tipo de trabalho voltado para a biblioteconomia, se dá porque é demorado e porque os indivíduos acometidos por qualquer enfermidade que seja, são muitas vezes considerados sem esperança ou que se cura somente ocorra através de métodos tradicionais que usam em sua base métodos alopáticos. Embora pode não ser possível ensinar-lhes ciências exatas como a matemática, é possível exercitar as suas mentes. Eles não precisam ser presos por conta de suas doenças, mais especificamente se tratando de pacientes internados, não precisam ser deixados sentados em frente de um aparelho de televisão no quarto da enfermaria com nenhuma oportunidade para a comunicação interpessoal.

Através dos resultados obtidos, concluiu-se que quando padrões médicos não nos apresentam respostas imediatas que acalmem o sofrimento do indivíduo em questão, ou quando a resposta que temos para oferecer é muito fria e "clínica",

aconselha-se que se atente para as artes literárias focadas nesse processo terapêutico, uma vez que essas respostas dão crédito as particularidades do ser humano como indivíduo, dando-nos a linguagem que se precisa para falar uns com os outros, transmitindo a verdade, mas não a dureza da mesma. Como a técnica de biblioterapia encontra-se num processo de amadurecimento, podemos olhar para frente, com um olhar positivo, pois esta modalidade de treinamento e prática deve ser vista como uma importante ferramenta para educar e tratar a pessoa de uma forma inteira.

5.1 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS RESULTADOS

Este tópico pretende fazer uma simples e breve análise resumida dos resultados dos artigos, que evidenciaram a eficácia da leitura como função terapêutica, através da abordagem fenomenológica da leitura, que tem como ator principal o filósofo Merleau-Ponty, com a sua Teoria da Linguagem. Não pretende-se aprofundar no tema, por não ser o foco da pesquisa e ser um campo do saber com totais complexidades, as quais a autora não tem fundamentação teórica suficiente para tal.

Para compreender essa fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty, Caldin (2011) diz que:

Para Merleau-Ponty o corpo e a significação sempre estão presentes na expressão e no texto. Ambos têm vida, animam a expressão. De uma forma dinâmica, agem no sujeito, quer seja ele leitor, quer escritor. Corpo e significação se valem de palavras no processo da expressão e a intenção significativa não prescinde de um corpo. Como a linguagem sempre possui significado e sempre visa a expressão, a fala subentende uma intencionalidade corporal que se mostra na gestualidade e nos insere no mundo. Portanto, o sujeito não precisa animar o signo: o signo faz parte do sujeito, está inserido no contexto cultural do sujeito, está imbricado na vida do sujeito. (CALDIN, 2011, p.25)

Em outras palavras para Merleau-Ponty as palavras tem muito mais importância que os signos, pois para ele elas são dotadas de sentido, devem ser vistas como gestos, com uma corporeidade a qual abre uma infinidade de possibilidades de comunicação, mostrando que o ser é parte desse mundo falante.

O filósofo vê que a linguagem possui seu próprio sentido e que sua manifestação se dá, ora pelos seus conceitos, mas ora pelas suas expressões emocionais, que estão associadas ao contexto cultural, mas principalmente ao pessoal do sujeito.

Com relação a essa linguagem e ao que isso interfere no outro, é válido lembrar que quando Merleau-Ponty (1991, p.188) citado por Caldin (2011), afirma que “se outro deve existir pra mim, é preciso que comece a existir aquém da ordem do pensamento”, enfatiza necessidade da presença do corpo e retirada da soberania da consciência. Com isso percebe-se que existe, portanto não somente sua percepção e a percepção do outro, mas sim uma co-percepção. Quando você se percebe, automaticamente percebe o outro também e vice versa. Você e o outro percebem as coisas e o mundo a sua volta. Sem essa corporeidade das palavras e da linguagem tal percepção não seria possível, pois não se pode perceber o pensamento, só se sabe o que outro pensa quando o seu pensamento é verbalizado, quando som da voz atinge seus ouvidos.

Ou seja, dita de outra forma a fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty admite a linguagem falante como aquela que através da interpretação de uma livro por exemplo, leva ao leitor que encontra-se desprevenido, um conjunto de signos e significações que passam a alterar e depois transfigurar a sua interpretação, até que isso gere uma nova significação, gerando uma mudança interpretativa.

É dessa fala falante, que produz significados que a biblioterapia se apropria, pois de acordo com Caldin (2011) a terapia por meio da leitura somente acontece quando se pode inferir novos sentidos ao lido, quando o texto permite uma recriação.

De forma a estabelecer uma relação entre os resultados apresentados e uma avaliação fenomenológica, pode-se concluir que em todos os artigos analisados, sem exceção, independente das doenças analisadas ou sob quais aspectos a biblioterapia tenha sido aplicada, para além, independente de qual profissional seja o mais capacitado para aplicar a prática biblioterapêutica, todos apresentaram a importância da linguagem, da interferência que a fala falante causa no outro, da importância que deve ser dada a esse tratamento como sendo um tratamento aplicado em humanos, por humanos que necessita de humanidade, no melhor sentido da palavra.

Com isso, conclui-se que toda leitura implica um fenômeno de interpretação, que o ato de interpretação é inerente a leitura e que a interpretação é em si, uma terapia. Através do ponto de vista de Caldin (2011), a biblioterapia tem sido aplicada, sob essa teoria da linguagem de que a fala, sendo gesto expressivo, tanto pode criar (fala falante) quanto repetir um pensamento já falado (fala falada), que há nela

espontaneidade ensinante fazendo dela um fenômeno de campo (totalidade dos eventos possíveis) eminentemente subjetivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais uma vez, notou-se que não existem no Brasil, diretrizes bem estabelecidas atualmente sobre o uso da Biblioterapia e que ainda há uma certa ausência de investigações bem desenhadas no campo biblioteconômico, a fim de guiar-nos, e por isso, através desta pesquisa pretendo oferecer as observações e sugestões da literatura atual que apesar de ainda assim enriquecedora, evidencia a necessidade de realização de mais estudos a fim de aprofundar o tema e legitimar a Biblioterapia no nosso país, como prática, de maneira que torne essa prática uma realidade para além do papel e sim efetiva no que se propõe.

É notório que essa área ainda enfrenta vários problemas no que diz respeito ao reconhecimento e legitimação pela sociedade, mas principalmente pelos seus pares, uma vez que é alarmante a escassez nos currículos das escolas de biblioteconomia de disciplinas sobre informação e saúde. Isso exige um trabalho de divulgação maciço primeiramente nos próprios cursos formadores, como uma possível reformulação da grade curricular atual e posteriormente à sociedade, a fim de sensibilizá-los sobre o respaldo tanto teórico quanto técnico que os bibliotecários possuem para o exercício deste trabalho em especial.

Por esse motivo é interessante que aqueles que buscam conhecimentos sobre este tipo de prática, travem discussões no âmbito de seus cursos de biblioteconomia, tendo em vista a implementação dos seus projetos políticos pedagógicos, o qual a Biblioterapia precisa ser vista como local de atuação do profissional da informação de maneira a se oferecer oportunidades.

Apesar de todas as ameaças existentes no campo biblioteconômico travadas pelas mudanças de paradigmas existentes, é necessário que esses profissionais busquem caminhos, mas junto às oportunidades e benefícios, em defesa da discussão sobre este espaço de atuação que é infinitamente cheio de possibilidades, tornando-se assim possível um maior reconhecimento da área seja pelos seus próprios profissionais, seja pela sociedade a qual se estão inseridos.

Por outro lado, apesar da existência de certa escassez de material de produção brasileira e de uma capacitação mais adequada, conclui-se com esse trabalho, que através dos relatos e de medidas padrão, dos artigos e das duas obras que serviram de referência para pesquisa, verificou-se que houve uma melhoria significativa após a intervenção de uma prática biblioterapêutica para todos aqueles que participaram

desses estudos e fazem desta uma prática no auxílio de tratamento das mais diversificadas doenças. No que se refere especificamente a depressão de nível baixo ao médio, comprovou-se que a prática biblioteconômica pode ser mais eficaz do que o uso de antidepressivos.

Na área da saúde, partindo do ponto de vista das racionalidades médicas, tornou-se possível compreender que a biblioterapia pode ser vista como uma terapia eficaz uma vez que facilita a construção de um olhar integral sobre os indivíduos que utilizam os serviços de saúde, resgatando os aspectos subjetivos do adoecimento. Fazendo uma análise de forma pragmática, concluiu-se que esta proposta possibilita que os modelos médicos tradicionais sejam vistos, não como verdades absolutas, mas como recortes arbitrários da realidade.

Já no campo da Ciência da Informação esta prática pode ser vista como um campo de estudo por possuir características de um processo de informativo, o qual busca a mudança cognitiva do indivíduo, resultando na evolução do conhecimento pessoal, possibilitando uma mudança comportamental, reconhecida como sendo a cura.

A descrição das diferentes estratégias biblioterapêuticas apresentadas nesse estudo também evidenciou que se a terapia for empregada de forma correta, a fala através de linguagens específicas pode curar, pois evidenciou que essa linguagem tem o poder de ação de uma terapia boa, barata e indolor.

Pretende-se também que este trabalho possa estimular a prática de bibliotecários, sejam eles especificamente hospitalares ou não a empenharem-se neste trabalho fascinante que é a Biblioterapia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 9, n. 18, 2º sem. 2004.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-924.2001v6n12p32>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, dez. 2001.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A Teoria Merleau-Pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 23-40, jan./jun. 2011.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, v. 6, n. 21/22, ago. 2005.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.
- CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, B. O conceito de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan/abr. 2007.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003.
- GUEDES, M. G. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. 189 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- GUEDES, M. G., BAPTISTA, S. G. Biblioterapia na Ciência da Informação: comunicação e mediação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 36, p. 231-253, jan./abr., 2013.
- GUMIEIRO, V. et al. A Biblioterapia e o papel do bibliotecário. In: CONFERÊNCIA IBERA-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SAÚDE, 1., 2007, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: ID/UnB, 2007.

HANDI Project Team, Usher T. Bibliotherapy for depression. **Aust Fam Physician**, v.42, n.4, p. 199-200, 2003.

HANNIGAN, Margaret. The librarian in bibliotherapy: pharmacist or bibliotherapist?. **Library Trends**, v.11, p. 188-198, out. 1962.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico**. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Comunicação e Linguagens)-Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.53, n.4, p. 257-270. 2002.

HYNES, J.C. Library work with brain damaged patients: a new mode of bibliotherapy. **Bull Med Libr Assoc**, v.60, n.2, p. 333-339, 1972.

JOLING, K. J, et al. How effective is bibliotherapy for very old adults with subthreshold depression? A randomized controlled trial. **Am J Geriatr Psychiatry**, v.19, n.3, p.256-265, 2011.

LEVIN, L.; GILDEA, R. Bibliotherapy: tracing the roots of a moral therapy movement in the United States from the early nineteenth century to the present. **J Med Libr Assoc**, v.101, n.2, p. 89-91, 2013.

LUZ, M. T. **Natural, racional e social: razão médica e racionalidade científica moderna**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MACDONALD, J.; VALLANCE, D.; MCGRATH, M. An evaluation of a collaborative bibliotherapy scheme delivered via a library service. **J Psychiatr Ment Health Nurs**, v.20, n.10, p.857-865, 2013.

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. **Current studies in Librarianship**, v. 13, n. 1/2, p. 1-5, Spring/Fall 1989.

MCCAN, T. V., et al. A randomized controlled trial of bibliotherapy for carers of young people with first-episode psychosis. **Schizophr Bull**, v.39, n.6, p. 1307-1317, 2013.

MCKENNA, G.; HEVEY, D.; MARTIN, E. Patients' and providers' perspectives on bibliotherapy in primary care. **Clin Psychol Psychother**. 2010 Nov-Dec.

MICHAELIS. 2007. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 30 out 2014.

MINTZ, L. B., et al. Bibliotherapy for low sexual desire: evidence for effectiveness. **J Couns Psychol**, v.29, n.3, p. 471-478, 2012.

MOSTAFA, Solange Puntel; CRUZ, Danise Viuniski da Nova; BENEVENUTTO, Felipe Etelvino. Fenomenologia versus Filosofia da Diferença: a Biblioterapia em questão. **DataGramaZero – Revista de Informação** – v. 14, n. 6, dez. 2013.

MUSCHALLA, B.; GLATZ, J.; LINDEN, M. Bibliotherapy on coping with illness improves health literacy but not heart-related anxiety of patients in cardiological rehabilitation. **Psychother Psychosom**, v. 82, n.5, p. 349-350, 2013.

MUTO, T.; HAYES, S. C.; JEFFCOAT, T. The effectiveness of acceptance and commitment therapy bibliotherapy for enhancing the psychological health of Japanese college students living abroad. **Behav Ther**, v. 42, n.2, p. 323-335, 2011.

NAYLOR, E. V, et al. Bibliotherapy as a treatment for depression in primary care. **J Clin Psychol Med Settings**, v.17, n. 3, p. 258-271, 2010.

NOGUEIRA, M. I. Racionalidades Médicas e formação em saúde: um caminho para a integralidade. In: **Por uma sociedade cuidadora**. PINEIRO, R.; SILVA IR, A. G. S. (org.) Rio de Janeiro: CEPESC: IMS/UERJ, 2010.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, São Paulo, v.11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PINTO, V. B. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, n. 17. p. 31-43, jan./abr. 2005.

PINTO, Virgínia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n.1, p. 31-34, jan./abr. 2005.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214, set. 1975.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975. Acesso: em 23 out. 2014.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Rodríguez-Martín BC, et al. Bibliotherapy and food cravings control. **Appetite**, v. 65, p. 90-95, 2013.

ROHDE, P., et al. Cognitive-behavioral group depression prevention compared to bibliotherapy and brochure control: nonsignificant effects in pilot effectiveness trial with college students. **Behav Res Ther**, v. 55, p. 48-53, 2014.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-6, jun. 2007.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 155-170, jan./jul. 2006.

SILVERBERG, Lawrence I. Bibliotherapy: The therapeutic use of didactic and literary texts in treatment, diagnosis, prevention, and training. **Journal of the American osteopathic Association: Special Communication**, v. 103, n. 3, march 2003.

SILVERBERG, L. Bibliotherapy: the therapeutic use of didactic and literary texts in treatment, diagnosis, prevention, and training. I **The Journal of the American Osteopathic Association**, v, 103, n.3, 2003.

SONGPRAKUN, W.; MCCANN, T. V. Evaluation of a bibliotherapy manual for reducing psychological distress in people with depression: a randomized controlled trial. **J Adv Nurs**, v.68, n. 12, p. 2674-2684, 2012.

SONGPRAKUN, W.; MCCANN, T. V. Using bibliotherapy to assist people to recover from depression in Thailand: Relationship between resilience, depression and psychological distress. **Int J Nurs Pract**, v, 12, 2014.

TIELSCH, G. A. Children's books for use in bibliotherapy. **J Pediatr Health Care**, v. 25, n. 1, p. 57-61, 2011.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. p. 117-132. In: _____. (org.) **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

VICENTE, Jorge. **Biblioterapia**. 2000. Disponível em: <<http://weblog.aventar.eu/fazdeconta.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/biblioterapia.html>>. Acesso em: 02 out. 2014.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 25, p. 84-103, 1º sem. 2008.

ANEXO A – Títulos dos artigos trabalhados

1. An evaluation of a collaborative bibliotherapy scheme delivered through a library service .
2. A randomized controlled study of bibliotherapy for caregivers of people young people with first-episode psychosis.
3. bibliotherapy for depression.
4. Bibliotherapy and control food cravings .
5. Evaluation of a bibliotherapy Manual to reduce psychological distress in people with depression : a randomized controlled trial .
6. prevention group cognitive-behavioral depression in relation to bibliotherapy and brochure control : no significant effects on trial efficacy pilot with college students .
7. Bibliotherapy for low sex drive : evidence for effectiveness.
8. Bibliotherapy : tracing the roots of moral therapy movement in the United States from the early nineteenth century to the present .
9. Bibliotherapy on how to deal with the disease improves health literacy , but not anxiety related to heart patients in cardiac rehabilitation.
10. What is the efficacy of bibliotherapy for much older adults with depression subliminal ? A randomized controlled trial .
11. Indicated prevention depression cognitive behavioral group over bibliotherapy and brochure control : acute effects of a trial efficacy with teens.
12. Using bibliotherapy to help people recover from depression Thailand: Ratio of resilience , depression and psychological distress .
13. perspectives of patients and providers ' on bibliotherapy in primary care.
14. The effectiveness of the therapy acceptance and commitment to improve bibliotherapy psychological health of Japanese college students living abroad
15. Bibliotherapy : new evidence of effectiveness.
- 16 children's books for use in bibliotherapy .
17. Bibliotherapy for users of mental health services , Part 1 : a review systematic .
18. bibliotherapy as a treatment for depression in primary care.

19. Bibliotherapy : the therapeutic use of didactic and literary texts in treatment, diagnosis, prevention and training.

20. Library work with brain-injured patients : a new way of bibliotherapy